

# Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VII

DEZEMBRO DE 1864

Nº 12

**AVISO** – Este número contém um suplemento. Tem 52 páginas, em vez de 32, inclusive o índice geral.

## Comunhão de Pensamentos

### A PROPÓSITO DA COMEMORAÇÃO DOS MORTOS

No dia 2 de novembro de 1864, a Sociedade Espírita de Paris reuniu-se pela primeira vez, com vistas a oferecer uma piedosa lembrança a seus colegas e irmãos espíritas já falecidos. Naquela ocasião, o Sr. Allan Kardec discorreu sobre o princípio da *comunhão de pensamentos*, como se vê no discurso seguinte:

Caros irmãos e irmãs espíritas,

Estamos reunidos, neste dia consagrado pelo uso à comemoração dos mortos, para darmos àqueles irmãos nossos que deixaram a Terra um testemunho particular de simpatia, para continuarmos as relações de afeição e de fraternidade que existiam entre eles e nós, quando eram vivos, e para invocarmos sobre eles a bondade do Todo-Poderoso. Mas, por que nos reunirmos? Por que nos desviarmos de nossas ocupações? Não podemos fazer em

particular o que cada um de nós propõe fazer em comum? Não o fazemos individualmente pelos nossos? Não o podemos fazer todos os dias e a cada hora? Qual, então, a utilidade de assim nos reunirmos num dia determinado? É sobre este ponto, senhores, que me proponho tecer algumas considerações.

A benevolência com que foi acolhida a idéia desta reunião é uma primeira resposta a essas diversas questões; é o sinal da necessidade que sentimos de estar juntos numa comunhão de pensamentos.

Comunhão de pensamentos! Compreendemos bem todo o alcance desta expressão? É permitido duvidá-lo, pelo menos no que respeita ao maior número. O Espiritismo, que nos explica tantas coisas pelas leis que revela, ainda vem explicar a causa e a força dessa situação do espírito.

Comunhão de pensamento quer dizer pensamento comum, unidade de intenção, de vontade, de desejo, de aspiração. Ninguém pode desconhecer que o pensamento é uma força; mas uma força puramente moral e abstrata? Não: do contrário não se explicariam certos efeitos do pensamento e, ainda menos, a comunhão de pensamento. Para compreendê-lo, é preciso conhecer as propriedades e a ação dos elementos que constituem nossa essência espiritual, e é o Espiritismo que no-las ensina.

O pensamento é o atributo característico do ser espiritual; é ele que distingue o espírito da matéria; sem o pensamento o espírito não seria espírito. A vontade não é um atributo especial do espírito; é o pensamento chegado a um certo grau de energia; é o pensamento transformado em força motriz. É pela vontade que o espírito imprime aos membros e ao corpo movimentos num determinado sentido. Mas se tem a força de agir sobre os órgãos materiais, quanto maior não deve ser essa força sobre os elementos fluídicos que nos rodeiam! O pensamento atua

sobre os fluidos ambientes, como o som age sobre o ar; esses fluidos nos trazem o pensamento, como o ar nos traz o som. Pode, pois, dizer-se com toda a verdade que há nesses fluidos ondas e raios de pensamentos que se cruzam sem se confundirem, como há no ar ondas e raios sonoros.

Uma assembléia é um foco onde irradiam pensamentos diversos; é como uma orquestra, um coro de pensamentos, onde cada um produz a sua nota. Disto resulta uma imensidão de correntes e de eflúvios fluídicos, dos quais cada um recebe a impressão pelo sentido espiritual, como num coro musical cada um recebe a impressão dos sons pelo sentido da audição.

Mas, assim como há raios sonoros harmônicos ou discordantes, também há pensamentos harmônicos ou discordantes. Se o conjunto for harmônico, a impressão é agradável; se discordante, a impressão será penosa. Ora, para isto, não é necessário que o pensamento seja formulado em palavras; a irradiação fluídica não deixa de existir, quer seja ou não expressa. Se todas forem benéficas, os assistentes experimentarão um verdadeiro bem-estar e se sentirão à vontade; mas se se misturarem alguns pensamentos maus, produzirão o efeito de uma corrente de ar gelado num meio tépido.

Tal é a causa do sentimento de satisfação que se experimenta numa reunião simpática; aí reina uma espécie de atmosfera moral salubre, onde se respira à vontade; daí se sai reconfortado, porque aí nos impregnamos de eflúvios fluídicos salutares. Assim também se explicam a ansiedade e o mal-estar indefinível que se sente num meio antipático, onde os pensamentos malévolos provocam, a bem dizer, correntes fluídicas malsãs.

A comunhão de pensamentos produz, pois, uma sorte de efeito físico que reage sobre o moral; só o Espiritismo poderia fazê-lo compreender. O homem o sente instintivamente, já que

procura as reuniões onde sabe encontrar essa comunhão. Nessas reuniões homogêneas e simpáticas haure novas forças morais; poder-se-ia dizer que aí recupera as perdas fluídicas perdidas diariamente pela irradiação do pensamento, como recupera pelos alimentos as perdas do corpo material.

Essas considerações, senhores e caros irmãos, parecem afastar-nos do objetivo principal de nossa reunião e, contudo, elas nos conduzem diretamente a ele. As reuniões que têm por objeto a comemoração dos mortos repousam sobre a comunhão de pensamentos. Para compreender a sua utilidade, era necessário bem definir a natureza e os efeitos desta comunhão.

Para a explicação das coisas espirituais, por vezes me sirvo de comparações muito materiais e, talvez mesmo, um tanto forçadas, que nem sempre devem ser tomadas ao pé da letra. Mas é procedendo por analogia, do conhecido para o desconhecido, que chegamos a perceber, ao menos aproximadamente, do que escapa aos nossos sentidos; é a essas comparações que a Doutrina Espírita deve, em grande parte, ter sido tão facilmente compreendida, mesmo pelas mais vulgares inteligências, ao passo que se eu tivesse ficado nas abstrações da filosofia metafísica, ainda hoje só teria sido partilhada por algumas inteligências de escol. Ora, desde o princípio importava que ela fosse aceita pelas massas, porque a opinião destas exerce uma pressão que acaba fazendo lei e triunfando das mais tenazes oposições. Eis por que me esforcei em simplificá-la e torná-la clara, a fim de pô-la ao alcance de todos, mesmo com o risco de certa gente contestar-lhe o título de filosofia, porque não é suficientemente abstrata e porque saiu do nevoeiro da metafísica clássica.

Aos efeitos que acabo de descrever, relativos à comunhão de pensamentos, junta-se um outro, que é sua consequência natural, e que importa não perder de vista: é a força que adquire o pensamento ou a vontade pelo conjunto dos

pensamentos ou vontades reunidos. Sendo a vontade uma força ativa, essa força é multiplicada pelo número de vontades idênticas, como a força muscular é multiplicada pelo número de braços.

Firmado esse ponto, concebe-se que nas relações que se estabelecem entre os homens e os Espíritos possa haver, numa reunião onde reine perfeita comunhão de pensamentos, uma força atrativa ou repulsiva, que nem sempre possui o indivíduo isolado. Se, até o presente, as reuniões muito numerosas são menos favoráveis, é pela dificuldade de obter uma perfeita harmonia de pensamentos, resultante da imperfeição humana na Terra. Quanto mais numerosas as reuniões, mais aí se misturam elementos heterogêneos, que paralisam a ação dos bons elementos e que são como os grãos de areia numa engrenagem. Tal não se dá nos mundos mais adiantados e esse estado de coisas mudará em nosso planeta, à medida que os homens se tornarem melhores.

Para os espíritas, a comunhão de pensamentos tem um resultado ainda mais especial. Temos visto o efeito desta comunhão de homem a homem; prova-nos o Espiritismo que ele não é menor dos homens aos Espíritos, e reciprocamente. Com efeito, se o pensamento coletivo adquire força pelo número, um conjunto de pensamentos idênticos, tendo o bem por objetivo, terá mais força para neutralizar a ação dos Espíritos maus; também vemos que a tática destes últimos é levar à divisão e ao isolamento. Sozinho, um homem pode sucumbir, ao passo que se sua vontade for corroborada por outras vontades poderá resistir, conforme o axioma: *A união faz a força*, axioma verdadeiro, tanto do ponto de vista moral, quanto do físico.

Por outro lado, se a ação dos Espíritos malévolos pode ser paralisada por um pensamento comum, é evidente que a dos Espíritos bons será secundada; sua influência salutar não encontrará obstáculos; seus eflúvios fluídicos, não sendo detidos por correntes contrárias, espalhar-se-ão sobre todos os assistentes,

precisamente porque todos os terão atraído pelo pensamento, não cada um em proveito pessoal, mas em benefício de todos, conforme a lei de caridade. Descerão sobre eles como línguas de fogo, para nos servirmos de uma admirável imagem do Evangelho.

Assim, pela comunhão de pensamentos os homens se assistem entre si e, ao mesmo tempo, assistem os Espíritos e são por estes assistidos. As relações entre os mundos visível e invisível não são mais individuais, mas coletivas e, por isto mesmo, mais poderosas em proveito das massas e dos indivíduos. Numa palavra, estabelecem a solidariedade, que é a base da fraternidade. Cada qual trabalha para todos, e não apenas para si; e trabalhando para todos, cada um aí encontra a sua parte. É o que o egoísmo não compreende.

Todas as reuniões religiosas, seja qual for o culto a que pertençam, são fundadas na comunhão de pensamentos; com efeito, é aí que podem e devem exercer a sua força, porque o objetivo deve ser a libertação do pensamento das amarras da matéria. Infelizmente, a maioria se afasta deste princípio à medida que a religião se torna uma questão de forma. Disto resulta que cada um, fazendo seu dever consistir na realização da forma, se julga quites com Deus e com os homens, desde que praticou uma fórmula. Resulta ainda que cada um vai aos lugares de reuniões religiosas com um pensamento pessoal, por sua própria conta e, na maioria das vezes, sem nenhum sentimento de confraternidade em relação aos outros assistentes; fica isolado em meio à multidão e só pensa no céu para si mesmo.

Por certo não era assim que o entendia Jesus, ao dizer: Quando duas ou mais pessoas estiverem reunidas em meu nome, aí estarei entre elas. Reunidos em meu nome, isto é, com um pensamento comum; mas não se pode estar reunido em nome de Jesus sem assimilar os seus princípios, sua doutrina. Ora, qual é o princípio fundamental da doutrina de Jesus? A caridade em

pensamentos, palavras e ações. Mentem os egoístas e os orgulhosos, quando se dizem reunidos em nome de Jesus, porque Jesus não os conhece por seus discípulos.

Chocadas por esses abusos e desvios, há pessoas que negam a utilidade das assembléias religiosas e, em consequência, a das edificações consagradas a tais assembléias. Em seu radicalismo, pensam que seria melhor construir asilos do que templos, uma vez que o templo de Deus está em toda parte e em toda parte Ele pode ser adorado; que cada um pode orar em sua casa e a qualquer hora, enquanto os pobres, os doentes e os enfermos necessitam de lugar de refúgio.

Mas, porque cometeram abusos, porque se afastaram do reto caminho, devemos concluir que não existe o reto caminho e que tudo quanto se abusa seja mau? Não, certamente. Falar assim é desconhecer a fonte e os benefícios da comunhão de pensamentos, que deve ser a essência das assembléias religiosas; é ignorar as causas que a provocam. Concebe-se que os materialistas professem semelhantes idéias, já que em tudo fazem abstração da vida espiritual; mas da parte dos espiritualistas e, melhor ainda, dos espíritas, seria um contra-senso. O isolamento religioso, assim como o isolamento social, conduz ao egoísmo. Que alguns homens sejam bastante fortes por si mesmos, largamente dotados pelo coração, para que sua fé e caridade não necessitem ser revigoradas num foco comum, é possível; mas não é assim com as massas, por lhes faltar um estimulante, sem o qual poderiam se deixar levar pela indiferença. Além disso, qual o homem que poderá dizer-se bastante esclarecido para nada ter a aprender no tocante aos seus interesses futuros? bastante perfeito para abrir mão dos conselhos da vida presente? Será sempre capaz de instruir-se por si mesmo? Não; a maioria necessita de ensinamentos diretos em matéria de religião e de moral, como em matéria de ciência. Incontestavelmente, tais ensinamentos podem ser dados em toda parte, sob a abóbada do céu, como sob a de um templo; mas por que os

homens não haveriam de ter lugares especiais para as questões celestes, como os têm para as terrenas? Por que não teriam assembléias religiosas, como têm assembléias políticas, científicas e industriais? Isto não impede as edificações em proveito dos infelizes. Dizemos, ademais, que haverá menos gente nos asilos, quando os homens compreenderem melhor seus interesses do céu.

Se as assembléias religiosas – falo em geral, sem aludir a nenhum culto – muitas vezes se têm afastado de seu objetivo primitivo principal, que é a comunhão fraterna do pensamento; se o ensino ali ministrado nem sempre tem acompanhado o movimento progressivo da Humanidade, é que os homens não progredem todos ao mesmo tempo. O que não fazem num período, fazem em outro; à proporção que se esclarecem, vêem as lacunas existentes em suas instituições, e as preenchem; compreendem que o que era bom numa época, em relação ao grau de civilização, torna-se insuficiente numa etapa mais avançada, e restabelecem o nível. Sabemos que o Espiritismo é a grande alavanca do progresso em todas as coisas; marca uma era de renovação. Saibamos, pois, esperar, não exigindo de uma época mais do que ela pode dar. Como as plantas, é preciso que as idéias amadureçam, para que seus frutos sejam colhidos. Saibamos, além disso, fazer as necessárias concessões às épocas de transição, porque na Natureza nada se opera de maneira brusca e instantânea.

Em razão do motivo que hoje nos reúne, senhores e caros irmãos, julguei oportuno aproveitar a circunstância para desenvolver o princípio da comunhão de pensamentos, do ponto de vista do Espiritismo. Sendo o nosso objetivo unir-nos em intenção para oferecer, em comum, um testemunho particular de simpatia aos nossos irmãos falecidos, poderia ser útil chamar nossa atenção quanto às vantagens da reunião. Graças ao Espiritismo, compreendemos a força e os efeitos do pensamento coletivo; melhor explicamos o sentimento de bem-estar que experimentamos num meio homogêneo e simpático; mas igualmente sabemos que



se dá o mesmo com os Espíritos, porque eles também recebem os eflúvios de todos os pensamentos benevolentes que, como numa nuvem de perfume, se elevam para eles. Os que são felizes experimentam a maior alegria neste concerto harmonioso; os que sofrem sentem-se mais aliviados; cada um de nós em particular ora, de preferência, por aqueles que o interessam ou que mais estima. Façamos que aqui todos tenham sua parte nas preces que dirigimos a Deus.

## Sessão Comemorativa na Sociedade de Paris

No início da sessão uma prece especial para a circunstância substituiu a invocação geral, que serve de introdução às sessões ordinárias. Ela foi assim concebida:

Glória a Deus, soberano senhor de todas as coisas!

Senhor, pedimos que espalheis vossa santa bênção sobre esta Assembléia.

Nós vos glorificamos e vos agradecemos porque vos aprouve esclarecer nosso caminho pela divina luz do Espiritismo.

Graças a esta luz, a dúvida e a incredulidade desapareceram do nosso espírito e também desaparecerão deste mundo; a vida futura é uma realidade e marchamos sem incerteza para o porvir que nos está reservado.

Sabemos de onde viemos e para onde vamos, e por que estamos na Terra.

Conhecemos a causa de nossas misérias e compreendemos que tudo é sabedoria e justiça em vossas obras.

Sabemos que a morte do corpo não interrompe a vida do Espírito, mas que lhe abre a verdadeira vida; que não destrói nenhuma afeição sincera; que os que nos são caros não estão perdidos para nós e que os encontraremos no mundo dos Espíritos. Sabemos que enquanto esperamos, eles estão ao nosso lado; que nos vêem e nos ouvem e podem continuar suas relações conosco.

Ajudai-nos, Senhor, a espalhar entre os nossos irmãos da Terra, que ainda estão na ignorância, os benefícios desta santa crença, porque ela acalma todas as dores, dá consolação aos aflitos, coragem, resignação e esperança nas maiores amarguras da vida.

Dignai-vos estender vossa misericórdia sobre nossos irmãos falecidos e sobre todos os Espíritos que se recomendam às nossas preces, seja qual for a crença que tenham tido na Terra.

Fazei que o nosso pensamento benevolente leve alívio, consolação e esperança aos que sofrem.

A seguir o Presidente dirige a seguinte alocução aos Espíritos:

Caros Espíritos de nossos antigos colegas: *Jobard, Sanson, Costeau, Hobach e Poudra*:

Convidando-vos a esta reunião comemorativa, nosso objetivo não é apenas vos dar uma prova de nossa lembrança, que, como sabeis, é sempre cara à nossa memória; viemos, sobretudo, felicitar-vos pela posição que ocupais no mundo dos Espíritos e agradecer as excelentes instruções que, de vez em quando, nos vindes dar desde a vossa partida.

A Sociedade se rejubila por vos saber felizes; ela se honra por vos haver contado entre os seus membros, e de vos contar agora entre os seus conselheiros do mundo invisível.

Apreciamos a sabedoria de vossas comunicações e seremos sempre felizes todas as vezes que julgardes por bem vir participar de nossos trabalhos.

A esse testemunho de gratidão associamos todos os Espíritos bons que, habitual ou eventualmente, vêm trazer-nos o tributo de suas luzes: *João Evangelista, Erasto, Lamennais, Georges, François-Nicolas Madeleine, Santo Agostinho, Sonnet, Baluze, Vianney – o cura d’Ars, Jean Raynaud, Delphine de Girardin, Mesmer* e os que apenas tomam a qualificação de *Espírito*.

Devemos um particular tributo de reconhecimento ao nosso guia e presidente espiritual, que na Terra foi São Luís. Nós lhe agradecemos por ter-se dignado a tomar a nossa sociedade sob o seu patrocínio e pelas marcas evidentes de proteção que nos tem dado. Nós lhe rogamos, igualmente, que nos assista nesta circunstância.

Nosso pensamento se estende a todos os adeptos e apóstolos da nova doutrina, que deixaram a Terra, em especial aos que nos são pessoalmente conhecidos, a saber: N. N...

A todos aqueles a quem Deus permite nos venham ouvir, dizemos:

Caros irmãos em crença, que nos precedestes no mundo dos Espíritos: unimo-nos em pensamento para vos dar um testemunho de simpatia e atrair sobre vós as bênçãos do Todo-Poderoso.

Nós lhe agradecemos a graça que ele vos fez de serdes esclarecidos pela luz da verdade antes de deixardes a Terra, porque esta luz vos guiou à entrada na vida espiritual. A fé e a confiança em Deus, que ela vos deu, vos preservaram da perturbação e das angústias que acompanham a separação daqueles a quem afligem a dúvida e a incredulidade.

Ela vos deu a coragem e a resignação nas provas da vida terrestre; mostrou o objetivo e a necessidade do bem, as conseqüências inevitáveis do mal, e agora colheis os seus frutos.

Deixastes a Terra sem pesar, sabendo que íeis encontrar bens infinitamente mais preciosos que aqueles que aqui deixastes; vós a deixastes com a firme certeza de reencontrar os objetos de vossas afeições e de poder voltar, em Espírito, para sustentar e consolar os que ficavam na retaguarda. Enfim, estais no mundo dos Espíritos, como num país que vos era conhecido antecipadamente.

Estamos muito felizes por ter visto nossas crenças confirmadas por todos aqueles dentre vós que vieram comunicar-se; nenhum veio dizer que tinha sido iludido em suas esperanças e que estávamos equivocados sobre o futuro. Ao contrário, todos disseram que o mundo invisível tinha esplendores indescritíveis, e que suas expectativas tinham sido ultrapassadas.

A vós, que gozais agora da felicidade de ter tido fé, e que recebeis a recompensa de vossa submissão à lei de Deus, vinde em auxílio dos nossos irmãos da Terra que ainda se encontram nas trevas. Sede os missionários do Espírito de Verdade, para o progresso da Humanidade e para o cumprimento dos desígnios do Altíssimo.

Nosso pensamento não se limita aos nossos irmãos em Espiritismo; todos os homens são irmãos, seja qual for a sua crença.

Se fôssemos exclusivos, nem seríamos espíritas, nem cristãos. É por isto que incluímos em nossas preces, em nossas exortações e em nossas felicitações, conforme o estado em que se achem, todos os Espíritos aos quais nossa assistência pode ser útil, tenham ou não partilhado de nossas crenças quando encarnados.

O conhecimento do Espiritismo não é indispensável à felicidade futura, porque não tem o privilégio de fazer eleitos. É um

meio de chegar mais facilmente e com mais segurança ao objetivo, pela fé raciocinada que dá e pela caridade que inspira; ilumina o caminho, e o homem, não seguindo mais às cegas, marcha com mais segurança; por ele se compreende melhor o bem e o mal, pois dá mais força para praticar um e evitar o outro. Para ser agradável a Deus, basta observar suas leis, isto é, praticar a caridade, que as resume todas. Ora, a caridade pode ser praticada por todo o mundo. Despojar-se de todos os vícios e de todas as inclinações contrárias à caridade é, pois, a condição essencial da salvação.

Após esta alocução, preces especiais, em parte tiradas da *Imitação do Evangelho* (números 355 e seguintes), foram ditas para cada categoria de Espíritos, com a designação dos nomes daqueles a quem eram dedicadas. A série terminou pela *Oração Dominical* desenvolvida. (Ver a *Revista* de agosto de 1864)

Em seguida os médiuns se puseram à disposição dos Espíritos que quiseram manifestar-se. Não foi feita nenhuma evocação particular.

Damos, a seguir, as principais comunicações recebidas.

I. Meus filhos, uma estreita comunhão liga os vivos aos falecidos. A morte continua a obra esboçada e não rompe os laços do coração. Esta certeza enriquece o tesouro de amor derramado na Criação.

Os progressos humanos obtidos a preço de sacrifícios dolorosos e de hecatombes sangrentas aproximam o homem do Verbo Divino e o fazem soletrar a palavra sagrada que, saída dos lábios de Jesus, reanimou a Humanidade desfalecida. O amor é a lei do Espiritismo; ele dilata o coração e faz amar ativamente aqueles que desaparecem na vaga penumbra do túmulo.

O Espiritismo não é um som vão, saído dos lábios mortais e que um sopro pode levar; é a fé forte e severa, proclamada por Moisés no Sinai, lei afirmada pelos mártires, ébrios de esperança, lei discutida pelos filósofos inquietos e que, finalmente, os Espíritos vêm proclamar.

Espíritas! o grande nome de Jesus deve flutuar como uma bandeira acima de vossos ensinamentos. Antes que existísseis, o Salvador levava a revelação em seu seio, e sua palavra, medida prudentemente, indicava cada uma das etapas que hoje percorreis. Os mistérios ruidão ao sopro profético que faz vibrar as vossas inteligências, como outrora as muralhas de Jericó.

Uni-vos pela intenção, como o fazeis nesta reunião abençoada. A ardente eletricidade despreendida do coração preenche a distância que nos separa e dissipa os vapores da dúvida, do personalismo e da indiferença, que muitas vezes obscurecem a faculdade espiritual.

Amai e orai por vossas obras.

*João Evangelista (Médium: Sra. Costel)*

II. Meus bons amigos, vossas preces e vosso recolhimento atraíram para junto de vós numerosos Espíritos, aos quais fizestes muito bem. Uma reunião como a vossa tem uma força de atração de tal modo eficaz que as vibrações de vosso pensamento comoveram todos os pontos do espaço. Uma multidão de irmãos vossos, pouco adiantados ou em sofrimento, seguiu os Espíritos superiores; antes de vos ter ouvido, estavam sem fé; agora esperam e crêem. Unidas às minhas, suas vozes saberão, doravante, vos abençoar; eles vos sabem fortes diante das provações; como vós, quererão merecer a vida eterna, a vida de Deus.

Não esqueceste ninguém, caro presidente. No que me toca pessoalmente, estou orgulhoso pelo bom acolhimento que meu nome recebeu entre os antigos discípulos. Sempre ouvi dizer que um curioso, escutando à porta, jamais ouviu alguém elogiá-lo; e, contudo, somos testemunhas invisíveis; nosso número é infinito; o que ouvimos, contrariamente à moda terrena, é o perdão, a prece, a benevolência; é a prática da caridade, a mais nobre das divisas.

Possa o vosso exemplo espalhar-se como um eco amado, a fim de que todos os Espíritos em sofrimento, em qualquer parte, possam ouvir palavras que poderão guiá-los para as verdades eternas!

Diz-se que Paris é uma cidade de ruído e de esquecimento; os místicos pretendem que seja uma Babilônia moderna. Protesto bem alto, porquanto Paris é a cidade dos pensamentos laboriosos, das idéias fecundas e dos nobres sentimentos. É a cidade que irradia sobre o Universo; haverá de ensinar sempre os grandes princípios, as grandes abnegações e as sólidas virtudes.

Antes de tudo, vede nela a grande cidade, principalmente neste dia, em que cada um tem uma lágrima para seus caros ausentes; ela pôs de lado sua vida múltipla para ir recolher-se nas necrópoles, e esse rio humano, silencioso, refletido, vai orar sobre os restos dos que lhe foram caros; e ante esse piedoso cortejo, o próprio incrédulo é tomado de respeito.

Diz-se que Paris não é espírita. Procurai uma cidade no Universo, onde o mais modesto túmulo seja mais venerado, mais florido. É que a cidade das grandes realizações sente melhor as perdas dolorosas; suas lágrimas são sinceras e nada concede à aparência. Por certo Paris é uma cidade de prazeres para certa gente, mas é, também, a cidade do trabalho e das idéias para o maior número. Não é materialista por natureza. É ela que dá a luz espírita ao Universo, e esta luz lhe voltará aumentada, depurada. Todos os povos virão buscar entre vós as verdades do Espiritismo, preferíveis aos fúteis e vãos prazeres e às exhibições, que nada deixam ao espírito.

Há no ar uma idéia racional, aprovada por todas as pessoas progressistas: a de que todos deviam saber ler. Por mais

bela que seja, nossa doutrina encontra um obstáculo na ignorância. Assim o nosso dever, de todos nós espíritas, é diminuir o número de nossos irmãos ignorantes, a fim de que *O Livro dos Espíritos* não se torne letra morta para tantos párias. Trabalhar em espalhar a instrução nas massas é, ao mesmo tempo, abrir caminho ao Espiritismo e destruir o elemento do fanatismo; é diminuir outro tanto o arrastamento da ignorância; é criar homens que viverão e morrerão bem.

Realizado este grande ato de caridade, não terei mais a dor de ver voltarem, neste dia dos mortos, tantos Espíritos atrasados, que pedem reencarnação para saber e para realizar a missão prometida às suas novas faculdades. E tais Espíritos, tornados inteligentes, poderão, por sua vez, ir a outros mundos ensinar e dar o pão da vida, o saber que os torna dignos de Deus.

Legiões de ignorantes vos imploram: são os vossos mortos; não esqueçais o que eles pedem. Vossas preces lhes serão úteis, mas vossas ações são chamadas a lhes prestar um serviço mais essencial.

Adeus, irmãos. Vosso devotado discípulo,

*Sanson (Médium: Sr. Leymarie)*

III. Dia de felicidade para os Espíritos do Senhor, que se reúnem para dirigir a Deus preces pelos Espíritos, porque esta santa comunhão de pensamentos se reproduz, também, nas regiões superiores! Oh! sim, felizes os pobres deserdados que compreenderem o objetivo de nossas preces, proferidas para lhes apressar o progresso! Graças ao Espiritismo, muitos já entraram na via do arrependimento e puderam melhorar. É esta graça descida sobre a Terra que lhes abriu o coração aos pesares e lhes deu a esperança de vir um dia para junto de nós. Obrigado a vós todos, espíritas cristãos, por haverdes pedido a Deus e conseguido que



podéssemos vir dizer-vos: Coragem! Os Espíritos que vêm agradecer-vos este bom pensamento o aproveitaram e hoje se sentem muito felizes.

Direi, em particular, a meu bom amigo Canu: Alegrai-vos ao saber que o vosso amigo Hobach se encontra aqui, rodeado de Espíritos amigos e protetores que, atraídos pela simpatia, vêm elevar suas almas ao Criador, porquanto tudo vem dEle e a Ele deve voltar. Procuremos, pois, as reuniões sinceras, a fim de aproveitar os ensinamentos que aí são dados, e que os invisíveis e os encarnados possam progredir para o infinito, isto é, para o Ser Supremo, que nos criou para o bem e a marcha progressiva de suas obras. Sim, mil vezes obrigado, pois leio em todos os corações os sentimentos dos que nos amaram particularmente; mas, também, que os que choram enxuguem suas lágrimas, porque virão encontrar-nos num mundo melhor, onde a lei de justiça reina soberana, já que ali ela emana de Deus.

*Hobach (Médium: Sra. Patet)*

IV. Amigos e irmãos em Espiritismo, estais reunidos neste dia para endereçar ao Senhor votos e preces pelos Espíritos que vos são caros e que aqui cumpriram a sua missão. Dentre eles, meus amigos, muitos realizaram essa tarefa dignamente e receberam a recompensa de seu trabalho nessa vida de expiação e de miséria. Oh! meus caros espíritas, esses velam por vós; eles vos protegem e hoje participam dos vossos votos e súplicas que dirigis ao nosso Pai comum. Na maioria estão entre vós, felizes por verem o recolhimento em que estais neste momento solene.

Mas é, sobretudo, para os Espíritos que não compreenderam sua missão neste mundo de passagem que deveis elevar os vossos pensamentos e as vossas preces. Oh! esses necessitam que corações amigos e almas compassivas lhes dêem uma lembrança, uma prece, mas uma prece sincera, que suba até o

trono do Eterno! Ah! quantos desses Espíritos são desamparados, esquecidos, mesmo pelos que deveriam neles mais pensar; até por parentes muito próximos! É que estes, meus amigos, não são espíritas; não conhecem o efeito que sobre o Espírito pode produzir a ação da prece. Não: eles não conhecem a caridade, não acreditam noutra existência após esta, crêem que a morte nada deixa depois de si.

Quantos se dirigem, nestes dias de luto, com o coração frio e seco, aos túmulos dos que conheceram! Vão até lá, mas por hábito, por conveniência; sua alma não sente nenhuma esperança; nem mesmo pensam que essas almas, às quais vêm cumprir um dever, lá estejam, perto deles, aguardando uma prece vinda do coração.

Oh! meus amigos, supri com vossas preces o que não fazem os vossos irmãos. Eles não vêm na morte senão os despojos – o corpo – e esquecem que a alma vive sempre. Orai, porque vossas preces serão ouvidas pelo Altíssimo.

Um Espírito que também pede parte de vossas preces.

*Lalouze (Médium: Sra. Lampérière)*

V. Caros amigos, quantas ações de graças não vos devemos em troca de vossas boas e generosas preces!

Oh! sim, somos reconhecidos por tanto devotamento, tanta caridade. Em tempo algum preces tão calorosas, tão fervorosas foram escutadas e levadas nas brancas asas dos Espíritos puros ao trono divino. Em tempo algum os homens compreenderam melhor a utilidade da prece em comum, cuja força moral pesa sobre os Espíritos imperfeitos que vêm, cada vez que vos reunis, haurir em vosso foco generoso e fraternal. Porque aí não há distinção; os pequenos, os deserdados da Terra são recebidos por vós como os grandes, como os príncipes; orai pelo

pobre, como pelo rico. Oh! fraternidade divina, cresci sempre, até atingirdes o sublime regenerador, enviado para conduzir os homens no caminho reto, do qual se haviam afastado há tantos séculos!

Batei e abrir-se-vos-á, dizia Jesus; pedi e dar-se-vos-á. Sim, fustigai as vossas paixões e o raio da caridade divina inundará a vossa alma. Pedi a fé e ela vos virá. Pedi paciência e ela vos será concedida. Em suma, pedi todas as virtudes necessárias para vos despojardes do velho homem, que deve desaparecer para sempre para dar lugar ao homem de bem.

Sou um Espírito desconhecido para vós e apropriei-me desta mão graças à caridade de São José.

*(Médium: Sr. Lampérière)*

VI. Minha caríssima esposa, tenho visto teus suspiros, tuas lágrimas. Sempre a chorar! Também tenho visto tuas preces; permite que as agradeça. Vamos, querida amiga, consola-te. Como vês, perturbas a minha felicidade. Consola-te, pois, porque és mais feliz que muitas outras: tens irmãos que te amam, felizes por te verem vir entre eles. Vê, minha filha, o quanto és abençoada entre todas.

Não tenho senão que vos louvar, meus irmãos, pela boa acolhida que em toda parte é dispensada à minha esposa. Agradeço-vos por tudo o que fazeis por ela... e também por mim, por me terdes chamado hoje!... Fui dos primeiros a sustentar e propagar com todas as minhas forças esta santa doutrina. Ah! se eu tivesse sabido o que sei e vejo agora! Crede, crede, é tudo o que vos posso dizer. Fazei tudo para ensiná-la e para atrair a vós os corações. Nada é mais belo, nada é tão verdadeiro quanto o que ensinam os vossos livros.

*Costeau (Médium: Srta. Béguet)*

VII. Obrigado a todos, bem-amados irmãos, por vossa boa lembrança e por vossas preces. Obrigado a vós, caro presidente, pela feliz iniciativa que tomastes, fazendo orar por todos, numa mesma comunhão de idéias e pensamentos. Sim, estamos todos aqui; ouvimos, felizes, vossas preces sinceras, dirigidas ao Pai de misericórdia, em favor de cada um de nós. Sim, estamos felizes porque a prece feita com sinceridade sobe a Deus e dEle recebemos a força necessária para combater as más influências que os Espíritos levianos procuram fazer sentir aos que trabalham com energia para a obra santa. Essas preces foram para nós como um apelo solene, e nós nos achamos todos reunidos ao vosso lado. De longe, como de perto, acorremos a esse feliz apelo. É desejável que vosso exemplo seja seguido por todos os centros sérios, porque essas preces, feitas com tanta sinceridade e desinteresse, sobem a Deus como santos eflúvios e jorram sobre cada um de nós. Obrigado mais uma vez, meus amigos; embora o meu nome não tenha sido pronunciado, vedes que aqui estou. Isto vos deve provar que somos felizes e numerosos.

A mãe de um membro honorário de vossa Sociedade,

*Aimée Brédard*, de Bordeaux (*Médium: Sra. Delanne*)

VIII. Meus bons amigos, após as preces que acabais de ouvir, e às quais vos associastes com todas as veras, eu teria preferido ver cada um de vós se retirar no piedoso silêncio que a prece vos deixa no coração. Elevastes vossas almas a Deus, por todos os que partiram da Terra; estabelecestes suaves lembranças com o passado e, neste presente, não vos sentis mais fortes? Há pouco não sentistes, enquanto vossas almas subiam ao céu num ímpeto comum, o hálito quente de outras almas, misturando suas preces às vossas? Não vos impregnastes delas? Por que não vos recolher nesse perfume silencioso de além-túmulo, em vez de pedir as nossas vozes? Viver com esses doces pensamentos decorrentes dos eflúvios sagrados da prece não é felicidade bastante?

Mas compreendo que não vos basta essa linguagem muda. Os zéfiros tépidos não são suficientes para o coração amoroso que pede aos ecos uma voz que responde à sua voz. Eu vos perdô esse desejo, aliás muito justo. Por que não podia cada um de vós gozar um segundo de benefício que lhe concede sua nova fé, de se comunicar com os que lhes são caros, através dos médiuns?

Mas, quão numerosa é vossa assembléia, para a pequena quantidade de mãos que podem escrever! Dentre os vossos amigos, quais os felizardos que podem dizer que escutarão suas vozes? Vejo aqui um número de Espíritos muito mais considerável do que o de encarnados; eles se comprimem em volta de cada um dos nossos intermediários: Georges, Sanson, Costeau, Jobard, Dauban, Paul, Émile, e cem outros, cujos nomes não posso dizer, aqui se encontram e gostariam de falar convosco. Reprimo seus impulsos e digo a todos que serei o intermediário entre eles e vós; eles o querem e vós, caros amigos, não o desejais também? Tratarei de ser pai para uns e mãe para outros; ainda para outros um filho, uma filha, um esposo, uma esposa, e para todos um amigo, um irmão que vos ama e que gostaria que vossos corações, reunidos num só, formassem um só pensamento, uma só alma, respondendo a esta comunhão de espírito, concentrada em meu pensamento e em minha alma.

Ah! vossos caros mortos não esperaram este dia para vir a cada um de vós; a todo instante não o sentis se espremendo ao vosso lado, a vos dar, por essa voz que chamais de consciência, os segredos castos e divinos do dever? Não os sentis se aproximarem mais de vós nas vossas horas de tristeza e de desfalecimento? Eles vos dizem: Coragem! e sobretudo a vós, espíritas, eles vos mostram o céu e as inumeráveis estrelas que rolam no firmamento, em sinal de aliança entre o Senhor e vós.

Não, meus caros amigos, eles não vos deixam pelo pensamento. A ti, mãe, tua filha vem dizer: Eu parti primeiro, como

se desprende do tronco vigoroso o galho que a tempestade quebra, mas vivo ainda de tua seiva e de teu amor na imensidade; e neste rosário de pérolas que minha alma carrega, não há algumas esmeraldas que me vieram de ti?

Paí, ouço teu filho dizer-te: Parti para voltar e te ajudar, em tua prece, a amar melhor a Deus. Parti para que tua fronte não se inclinasse diante do grande dispensador de todas as coisas. Ele quis lembrar-se a ti, fazendo-te ouvir as modulações de além-túmulo da voz de teu filho.

Irmão, ouço o teu irmão contar-te os folguedos de outrora, as lutas, as alegrias, os sofrimentos. Estou no além, diz ele, mas não estou morto. Eu te preparei o caminho: nele há mais glória que na Terra. Lança fora teu manto de púrpura e veste o manto de burel para fazer a viagem. O Senhor ama mais a pobreza do que a riqueza.

Ouçó doces suspiros responderem aos vossos sussurros: os do amante respondendo à amante; os do esposo à esposa. Bela harmonia!

Rejubilai-vos, pois! Quantas lágrimas felizes! Quantos impulsos tocantes! Esposa, senti vossas mãos apertadas pelas mãos invisíveis de vossos esposos; a esta hora eles vêm renovar o juramento de vos amarem sempre; vêm dizer-vos o que eu mesmo disse: que a morte não rompe os laços do coração e que as uniões se continuam no além-túmulo.

Como eu gostaria de nomear cada um desses mortos queridos; mas não o posso! Escutai vós mesmos as suas vozes. Cada um de vós as reconhecerá no concerto sagrado que sobe ao Céu. Juntas, cantam um hino de ação de graças ao Senhor.

*Santo Agostinho (Médium: Sr. E. Vézzy)*

IX. Não podendo o meu médium prestar o seu concurso a todos os Espíritos, venho em lugar de um Espírito que talvez tivesse desejado comunicar-se. Nesta reunião especialmente dedicada aos ausentes, quero vos dar alguns conselhos sobre a maneira de proceder para obter respostas realmente emanadas dos Espíritos chamados.

Há aqui muitos médiuns e muitos Espíritos desejosos de se comunicarem. Contudo, poucos poderão fazê-lo, porque não terão tido tempo de estabelecer a comunicação fluídica com eles. A identidade das comunicações é coisa difícil de estabelecer, e raramente podeis estar perfeitamente seguros dessa identidade. Entretanto, se quisésseis prestar um pouco de ajuda aos Espíritos, preparando-vos previamente para as evocações, haveria mais amíúde identidade real. Os fluidos devem ser sempre similares; sem essa similitude não há comunicação possível. Mas vós, médiuns, possuíis muitos fluídos diversos; dentre estes, alguns poderiam ser utilizados pelos Espíritos, se lhes fosse dado tempo para os influenciar.

Geralmente chama-se este ou aquele à queima-roupa, sem o ter chamado pelo pensamento, sem lhe haver oferecido o seu aparelho fluídico, sem lhe ter deixado tempo de o dispor para repercutir em unísono os seus próprios pensamentos. Credes fazer o bem agindo assim? Não, porque eles são obrigados a servir-se dos vossos Espíritos familiares como intermediários e, naturalmente, não podeis reconhecê-los de maneira tão positiva; assim, reduzi-vos apenas a constatar pensamentos por vezes muito diversos dos que tinham em vida, sem nenhuma particularidade que vos revele uma identidade. Crede-me, quando quiserdes evocar, pensai algum tempo antes naqueles que desejais chamar, a fim de lhes oferecerdes melhores meios de se comunicarem pessoalmente.

Falo em nome de todos os que são da família e amigos do meu médium, e venho agradecer ao Presidente as palavras

cheias de sinceridade que pronunciou para todos. Por certo há felicidade em unir-se a tantos desejos e vontades benevolentes; e nós todos, Espíritos inclinados ao bem e Espíritos instrutores, consideramos um dever cumprir as missões que nos são confiadas por ele e por todos os corações espíritas. (Vide mais adiante).

*Um Espírito (Médium: Srta. A. C.)*

## O Sr. Jobard e os Médiuns Mercenários

### EXEMPLO NOTÁVEL DE CONCORDÂNCIA

Uma sonâmbula médium, que pretende ser adormecida pelo Espírito Jobard, dizia ter recebido uma comunicação dirigida a um outro médium, a quem aconselhava cobrar as consultas dos ricos e dá-las gratuitamente aos pobres e aos operários. O Espírito lhe indicava o emprego do dia, sem poupar elogios a suas eminentes faculdades e a sua alta missão. Tendo alguém levantado dúvidas sobre a autenticidade dessa comunicação, e sabendo que o Espírito Jobard se manifesta freqüentemente na Sociedade, pediu-nos que a submetêssemos a um controle.

Para maior segurança, dirigimos imediatamente a seis médiuns estas simples palavras: “Perguntai ao Espírito Jobard se ele ditou à Sra. X..., em sonambulismo magnético, uma comunicação por um outro médium, que o estimula a explorar a sua faculdade. Precisaria desta resposta para amanhã.” Tivemos o cuidado de não os prevenir desta espécie de concurso, de modo que cada um se julgou o único chamado a resolver a questão.

Contávamos com a elevação do Espírito Jobard para se prestar à circunstância, e não se ofender ou se impacientar com esta pergunta, que lhe devia ser dirigida quase simultaneamente de seis pontos diferentes.



No dia seguinte recebemos as respostas abaixo, que fizemos acompanhar de algumas reflexões.

(20 de outubro de 1864 – Médiun: Sr. Leymarie)

Pois quê! então, caros amigos, meu nome serve de escudo a toda espécie de gente! Há muito tempo habituei-me a esses plagiadores desonestos que, sucessivamente, me fazem assumir todas as cores, como se eu fosse um camaleão; tomam-me por um palerma. Entretanto, minha vida passada, meus trabalhos e as numerosas provas de identidade, dadas à Sociedade Espírita de Paris, afastam qualquer equívoco quanto aos meus sentimentos. Sou o mesmo, seja como Espírito encarnado, seja como Espírito livre, e minha missão junto a todos vós, meus amigos, é de devotamento e, sobretudo, de desinteresse.

O Espiritismo é uma ciência positiva; os fatos sobre os quais se assenta ainda não estão completos. Mas tende paciência, vós que sabeis esperar, e esta ciência, que nada inventou, já que é uma força da Natureza, provará, aos menos clarividentes, que seu objetivo, todo moral, é a regeneração da Humanidade e que, fora de todas as ciências especulativas, seu ensino é o oposto do materialismo, que procede por hipótese. Proceder com análise, estabelecer fatos para remontar às causas, proclamar o elemento espiritual, depois da constatação, tal é a sua maneira de agir, clara e sem rodeios; é a linha reta, a que deve ser o guia de todo espírita convicto.

Rejeito, pois, o joio do trigo, todos os interesses mesquinhos, os devotamentos pela metade, os compromissos imorais, que são a chaga de nossa fé.

Desde que vos dizeis espíritas, tenho o direito de vos perguntar o que sois, o que quereis ser. Pois bem! se tendes fé, sois, antes de tudo, caridosos. Aos vossos olhos, todos os encarnados sofrem uma provação; como espectadores, assistis a muitos

desfalecimentos e, nesse rude combate da vida, no qual os vossos irmãos buscam a luz, vosso dever, de privilegiados que vistes e sabeis, é dar generosamente o que Deus também vos distribuiu com generosidade.

Médiuns, não vos deveis orgulhar, *porque a mão que dispensa pode retirar-se de vós*. Quando, por vosso intermédio, um Espírito vem consolar, encorajar, ensinar, deveis estar feliz e agradecer a Deus, que vos permite ser a boa fonte, onde os que têm sede vêm saciar-se. Mas esta água não vos pertence, pois pertence a todos: não a podeis vender, nem ceder, porque este domínio não é deste mundo. Queríeis que vos expulsásseis, como aos vendedores do templo?

Ricos ou pobres, acorrei e pedi: cada um de vós tem seu sofrimento secreto; os andrajos de um tornar-se-ão a púrpura de outro numa nova existência, e é por isto que a mediunidade não é usurária: diante dela todos os encarnados são iguais.

Olhai à vossa volta: são ricos, são pobres os que fazem profissão do dom providencial? Eles vendem a ciência dos Espíritos, e o óbolo que recolhem é a gangrena do seu espiritualismo. Fizeram bem em dizer espiritualismo, porque, como sabeis, os espíritas reprovam toda venda moral; a venalidade não é o seu caso. Repelimos do nosso seio todas essas escórias vergonhosas, que fazem rir os assistentes introduzidos em sua loja.

Quanto a mim, caro mestre, respondi àqueles ou àqueles que querem comerciar com o meu nome que, por mais palerma que eu pudesse ser, jamais o seria bastante para apor minha assinatura em escritos falsificados, atribuídos ao vosso devotado,

*Jobard*

(Médium: Sra. Costel)

Venho reclamar e protestar contra o abuso que fazem do meu nome. Os pobres de espírito – e os há muito entre os Espíritos – têm o hábito lamentável de apossar-se de nomes que lhes sirvam de passaporte junto a médiuns orgulhosos e crédulos.

Certamente eu não ficaria muito à vontade para defender a nobreza de meu pobre nome, sinônimo de ingênuo. Contudo, espero tê-lo colocado bem alto no julgamento dos que me conheceram para temer solidarizar-me com as banalidades imputadas à minha assinatura. É, pois, apenas por amor à verdade que protesto não haver adormecido nenhuma sonâmbula, nem exaltado nenhum médium. Comunico-me muito raramente, pois tenho muita coisa a aprender para servir de guia e instrutor dos outros.

Em princípio, reprovo a exploração da mediunidade, por uma razão muito simples: não gozando o médium de sua faculdade senão de maneira *intermitente e incerta, jamais pode algo prejudicar ou se fundar sobre ela*. Assim, erram as pessoas pobres quando abandonam a profissão para exercerem a mediunidade no sentido lucrativo do vocábulo. A pretexto de desempenharem uma *missão*, muitas delas abandonam o lar, do qual desertam por orgulhosas satisfações e pela importância passageira que lhes concede a curiosidade mundana. Espero que esses médiuns se enganem de boa-fé; mas, enfim, eles se equivocam. A mediunidade é um dom sagrado e íntimo, que não pode ter um consultório aberto. *Os médiuns muito pobres para se consagrarem ao exercício de sua faculdade devem subordiná-la ao trabalho que os faz viver*. Com isto nada perderá o Espiritismo: ao contrário, muito ganhará em dignidade.

Não quero desencorajar ninguém, nem frustrar nenhuma boa vontade, mas convém que nossa cara doutrina esteja ao abrigo de toda acusação perniciosa. Não se deve suspeitar da mulher de César; tampouco dos espíritos.

Eis o que é dito, e desejo que não reste a menor dúvida quanto às palavras do vosso velho amigo,

*Jobard*

**(Médium: Sr. Rul.)**

Como poderiam crer que aquele que, em todas as suas comunicações, recomendou a caridade e o desinteresse, hoje viria contradizer-se?

É uma provação para a sonâmbula e eu a aconselho a não se deixar seduzir pelos Espíritos maus que, por esta pequena especulação de além-túmulo, querem lançar o descrédito sobre os médiuns em geral e, em particular, sobre este de que se trata. Creio não ser necessário fazer de novo minha profissão de fé. Não é àquele que, encarnado, tantas vezes enganado, sempre teve por regra de conduta a retidão e a lealdade, que se podem atribuir semelhantes comunicações! Ele seria feliz se, à maneira do que se faz com certas mercadorias da Terra, se pudessem opor sobre as comunicações de além-túmulo o selo que constata a identidade do autor.

Ainda não estais bastante adiantados, mas, em falta do selo, servi-vos de vossa razão, que não vos pode enganar; e desafio todos os Espíritos, por mais numerosos que sejam, que me façam passar, aos olhos de meus antigos confrades, por mais tolo do que sou. Adeus.

*Jobard*

**(Médium: Sr. Vézy)**

Por que, ainda, tanta tolice entre os que crêem de boa-fé? E dizer que se se lhes põe diante dos olhos os verdadeiros princípios da coisa, eles mudam de repente e tornam-se mais incrédulos do que São Tomé!

Ide dizer àquela cara senhora que jamais me comuniquei com ela. Ela vos dirá: é possível, e em vossa presença dará a impressão de que concorda convosco. Mas, no seu foro íntimo, dirá que sois insensatos. Proibir um louco de fazer loucuras é ser mais louco do que ele mesmo, dizem. Entretanto, seria preciso achar um remédio para curar tantos pobres de espírito que se desgarram sozinhos, convencidos que estão de ser guiados por maravilhas.

Na verdade, meu caro presidente, julgais-me capaz de escrever as frivolidades que vos leram? Então seria realmente o caso de me aplicar o nome que eu tinha, por ter ousado escrever semelhantes bobagens. O Espiritismo não se ensina a tanto por lição. *Que aquele que não pode levar nossas palavras a seus irmãos senão em detrimento do próprio salário, fique em casa e peça à sua ferramenta ou à sua agulha que continue lhe dando o pão quotidiano.* Mas identificar-se com quem dá espetáculos é patinar no domínio da exploração ou do charlatanismo. Que aquele que é pobre e sente coragem para tornar-se apóstolo de nossa doutrina se escude na sua fé e na sua coragem, pois a Providência virá na hora dar-lhe o pão que lhe falta; mas não estenda a mão pelos serviços que prestar, porque seremos os primeiros a gritar: Retira-te daqui, mendigo, e deixa o lugar aos que podem fazer o trabalho. *Sempre encontramos bastantes homens de boa vontade para desempenhar a tarefa que lhes pedimos.*

Mulheres ou homens que deixais a roda de fiar ou as ferramentas para vos tornardes pregador ou médium e pedis um salário: só o orgulho vos guia. Quereis um pouco de glória em torno de vosso nome: o metal só tem reflexos vis, que o tempo enferruja, enquanto a verdadeira glória tem mais esplendor na abnegação. Prefiro Malfilatre, Gilbert e Moreau, cantando sua agonia num leito de hospital, ao poeta mendicante, que, para preservar o luxo em torno de seu leito de morte, vende o próprio coração. Os desinteressados serão mais bem recompensados; uma

felicidade duradoura os espera e seus nomes serão tanto mais poderosos quanto mais lágrimas tiverem derramado e mais suor e poeira coberto suas fronte.

Isto é tudo quanto vos posso dizer a respeito, caro presidente, e aproveito a ocasião que se me apresenta para vos apertar a mão e reiterar todos os meus votos e meus sinceros sentimentos. Conservai sempre a coragem e a energia na tarefa que vos impusestes. Fazei calar os invejosos e os maledicentes que vos cercam por esta firmeza e simplicidade que vos assenta tão bem. Hoje é preciso ser positivo; não vos deixeis arrastar à pesquisa da Lua quando a Terra está aos vossos pés e que nesta tendes com que completar o vosso trabalho. Há materiais em abundância em torno de vós. Provai vossas teorias pelos fatos, e que vossos exemplos não se apoiem em teoremas algébricos, que nem todos poderiam compreender, mas sobre axiomas matemáticos. Uma criança sabe que dois e dois são quatro. *Deixai correr na frente os que têm pernas compridas; eles quebrarão o pescoço e é inútil que os acompanheis na queda.* Apressemo-nos com prudência; o mundo ainda é novo e os homens dispõem de tempo para se instruírem.

O Sol se põe ao entardecer porque a obscuridade se faz necessária para compreendermos o seu brilho. Por vezes a verdade se veste de trevas para não ofuscar os que a olham muito de frente.

P. – Dissestes que jamais vos comunicastes com aquela senhora. Contudo, ela afirma que a magnetizastes!

*Resp.* – Pobre mulher! ela atribui a seres inteligentes o que só a tolice pode ditar, ou então algumas palavras muito boas e muito simples a grandes oráculos. É uma doença que não se deve contrair; tem sede nos nervos e se cura pela prudência e por duchas frias.

(Médium: Sra. Delanne)

Saudações fraternais a todos, meus bons amigos, que trabalhai com ardor para esclarecer a Humanidade. É preciso que redobreis a atenção, porque, neste momento, uma incrível revolução se opera entre os desencarnados. Também tendes entre eles adversários que se empenham em vos suscitar entraves, mas Deus vela por sua obra. Ele vos colocou como cabeça um chefe vigilante, dotado de sangue-frio, perspicácia e uma vontade enérgica para vos fazer vencer os obstáculos que os vossos inimigos visíveis e invisíveis erguem a cada instante aos vossos passos. Por isso ele não se enganou lendo esta comunicação; ele bem compreendeu que Jobard não podia falar assim, nem aprovar semelhante linguajar. Não, meus amigos, o Espiritismo não deve ser explorado por espíritas sinceros e de boa-fé. *Pregais contra os abusos desta natureza, que desacreditam a religião; portanto, não podeis praticar o que condenais*, porque afastais aqueles que o vosso desinteresse poderia trazer a vós.

Alguma vez já refletistes seriamente nas funestas conseqüências das reuniões pagas? Compreendi bem que se Allan Kardec autorizasse semelhantes idéias, por seu silêncio ou sua aprovação tácita, em dois anos o Espiritismo estaria exposto a uma multidão de exploradores, e essa coisa santa e sagrada seria desacreditada pelo charlatanismo. Eis a minha opinião. Assim, repilo hoje, como sempre, toda idéia de especulação, seja qual for o pretexto, que entravasse a doutrina, em vez de ajudá-la.

Empenhai-vos, no momento e antes de tudo, a reformar os homens por vossos ensinamentos e exemplos. Que vosso desinteresse e vossa moderação falem tão alto que nenhum de vossos adversários possa vos censurar. Estando cada um de vós colocado em posições diferentes, deveis trabalhar conforme vossas forças: Deus não pede o impossível. Tende confiança n'Ele, e deixai que cada coisa venha a seu tempo. Se Ele tivesse querido que o

Espiritismo marchasse mais rapidamente, teria enviado mais cedo os grandes Espíritos que estão encarnados e que surgirão quase ao mesmo tempo em todos os pontos do globo, quando chegar o tempo. Enquanto esperais, preparai os caminhos com prudência e sabedoria.

Coragem, caro presidente, cada dia as rédeas se tornam mais difíceis. Mas aqui estamos para vos sustentar e Deus vela por vós.

*Jobard*

**(Médium: Sr. d'Ambel)**

Ora, ora! isto vos admira! Mas há tantos bobos no mundo dos Espíritos, como entre vós – e não vos estou ofendendo – que um bobo pôde dar a outro a comunicação sonambúlica em questão.

Quanto ao médium, é preciso inquietar-se tanto? Deixai o tempo passar: é um grande reformador. Os que põem à venda sua mediunidade fazem como certas pessoas que, abrindo um baralho a seus consulentes, dizem: “Eis um homem da cidade, ou um homem do campo; há uma carta em caminho, eis o ás de ouro.” Quem sabe se, nalguns, não é uma volta ao passado, um resquício de antigos hábitos? Pois bem! tanto pior para os que caem nesta difícil situação. Não lucrarão e lamentarão que um dia hajam tomado o caminho errado.

Tudo quanto vos posso dizer é que, estando completamente alheio a esse comércio, bem o sabeis, lavo as mãos e lamento a pobre Humanidade, porque ainda recorre a tais expedientes.

Adeus,

*Jobard.*



## OBSERVAÇÕES

A necessidade de desinteresse nos médiuns de tal modo passou a ser um princípio, que teria sido supérfluo publicar o fato acima, se ele não oferecesse, além da questão principal, um notável exemplo de coincidência e uma prova manifesta de identidade, pela similitude de pensamentos e o cunho de originalidade que, de modo geral, caracterizam todas as comunicações do nosso antigo colega Jobard. É a tal ponto que quando ele se manifesta espontaneamente na Sociedade, é raro que, desde as primeiras linhas, não se adivinhe o autor. Assim, não se levantou nenhuma dúvida quanto à autenticidade das que acabamos de referir, ao passo que, nas que nos haviam pedido para controlar, a fraude salta aos olhos de quem quer que conheça a linguagem e o caráter do Sr. Jobard, bem como os princípios que ele havia professado constantemente, como homem e como Espírito. Teria sido irracional admitir que subitamente ele tivesse mudado em benefício dos interesses materiais de um indivíduo. Que trapaça desastrada!

Quanto à questão do desinteresse, seria inútil repetir tudo quanto foi dito sobre esse ponto, e que se encontra admiravelmente resumido nas respostas do Sr. Jobard. Apenas acrescentaremos uma consideração, que não é sem importância.

Certos médiuns exploradores julgam salvar as aparências fazendo-se pagar apenas pelos ricos, ou só aceitando uma contribuição voluntária. Em primeiro lugar, isto não deixa de ser um ofício, a exploração de uma coisa santa, e um lucro tirado do que se recebe gratuitamente. Quando Jesus e seus apóstolos ensinavam e curavam, não mercadejavam suas palavras, nem os seus cuidados, embora não tivessem renda para viver. Por outro lado, esta maneira de operar não é garantia de sinceridade nem afasta a suspeita de charlatanismo. Certos médicos e certos negociantes de artigos agem com segundas intenções no campo da filantropia, os primeiros dando consultas gratuitas, e os segundos

vendendo com prejuízo, ou quase de graça. Em algumas ocasiões, a gratuidade é um meio de atrair a clientela produtiva.

Existe, porém, outra consideração, ainda mais poderosa. Por que sinal reconhecer o que pode ou não pagar? A aparência por vezes é enganosa e, muitas vezes, uma roupa limpa oculta miséria maior que a blusa de um operário. Então é preciso declinar sua pobreza, seus títulos à caridade, ou exibir um atestado de indigência? Aliás, quem diz que o médium, mesmo admitindo de sua parte a maior sinceridade, terá a mesma solicitude para o que não paga, ou paga menos, do que para o que paga generosamente, e que não dará a cada um conforme o seu dinheiro? Que, se um rico e um pobre a ele se dirigissem ao mesmo tempo, não receberia primeiro o rico, que apenas tinha em vista satisfazer à vã curiosidade, enquanto o pobre, que talvez esperasse suprema consolação, seria atendido mais tarde? Sem o querer, sua consciência estará em luta com a tentação da preferência; será levado a olhar melhor para o que paga, ainda mesmo que lhe atrasasse com desdém uma moeda de outro, como se faz com um mercenário, enquanto olhará com indiferença os poucos centavos que lhe apresentar timidamente o pobre envergonhado. Tais sentimentos são compatíveis com o Espiritismo? Não é manter entre o rico e o pobre essa demarcação humilhante, que já fez tanto mal, e que o Espiritismo deve fazer desaparecer, provando a igualdade do rico e do pobre perante Deus? pois Deus não mede os raios de seu sol pela fortuna, nem a esta pode subordinar mais consolações do coração que as prodigalizadas aos homens pelos Espíritos bons, seus mensageiros.

Pensando bem, se houvesse uma escolha a fazer, preferiríamos o médium que cobrasse sempre, porque ao menos não há hipocrisia; sabe-se imediatamente com quem se está tratando.

Além do mais, a multiplicidade sempre crescente dos médiuns em todas as camadas da sociedade e no seio da maioria

das famílias, tira à mediunidade remunerada toda utilidade e toda razão de ser. Essa multiplicidade matará a exploração pelo sentimento de repulsa que a ela se liga.

Chamam-nos a atenção para o encerramento das atividades de um antigo e numeroso grupo espírita de província, organizado com propósitos interesseiros. O chefe desse grupo, bem como a família, tinha deixado de lado suas obrigações, sob o enganoso pretexto de devotamento à causa, à qual queria consagrar todo o seu tempo. Sua bolsa estaria garantida com os recursos que esperava tirar do Espiritismo. Infelizmente, a exploração da mediunidade está de tal modo desacreditada na província que, na maior parte das cidades, quem dela faz uma profissão, ainda que tivesse as mais transcendentales faculdades, não inspiraria a menor confiança; aí seria muito malvisto e todos os grupos sérios lhe fechariam as portas. A especulação não correspondeu à expectativa e consta que o chefe desse grupo teria se queixado, junto aos seus freqüentadores, pelas dificuldades por que passava, pedindo-lhes auxílio. Responderam-lhe que, se estava em apuros, a culpa era sua; que tinha errado em fechar a sua oficina para viver do Espiritismo e cobrar pelas instruções que os Espíritos lhe davam de graça; o médium refutou e pôs a culpa nos Espíritos. Dos nove médiuns presentes, aos quais a questão foi apresentada, oito receberam comunicações censurando sua maneira de agir; só uma o aprovou: era a de sua esposa. Submetendo-se de bom grado ao conselho dos Espíritos, o chefe do grupo anunciou que a partir daquele momento seu grupo estaria fechado. Por certo teria sido mais prudente escutar os conselhos que, desde muito tempo, lhe eram dados por amigos sinceros do Espiritismo.

Um outro grupo, em condições mais ou menos idênticas, aos poucos foi sendo abandonado por seus freqüentadores e, finalmente, forçado a se dissolver.

Assim, eis dois grupos que sucumbem sob a pressão da opinião. Escrevem-nos que o parágrafo da *Imitação do Evangelho*,

número 392 e seguintes, por certo não é estranho a esse resultado. Aliás, é impossível que todo espírita sincero, compreendendo a essência e os verdadeiros interesses da doutrina, se torne defensor e suporte de um abuso que, inevitavelmente, tenderia a desacreditá-la. Nós os exortamos a desconfiar das armadilhas que os inimigos do Espiritismo lhes tentassem estender a tal propósito. Sabe-se que em falta de boas razões para o combater, uma de suas táticas é buscar arruiná-lo por si mesmo. Assim, vê-se com que ardor espreitam as ocasiões de o surpreender em falta ou em contradição consigo mesmo. É por isto que os Espíritos nos dizem, sem cessar, que vigiemos e nos mantenhamos em guarda.

Quanto a nós, não ignoramos que nossa persistência em combater o abuso de que falamos não fizeram nossos amigos os que viram no Espiritismo uma matéria explorável, nem os que os sustentam. Mas, que nos importa a oposição de alguns indivíduos! Defendemos um princípio verdadeiro, e nenhuma consideração pessoal nos fará recuar ante o cumprimento de um dever. Nossos esforços tenderão sempre a preservar o Espiritismo da usurpação e da venalidade; o momento presente é o mais difícil, mas, à medida que a doutrina for mais bem compreendida, essa usurpação será menos temível, pois a opinião das massas lhe oporá uma barreira intransponível. O princípio do desinteresse, que satisfaz ao mesmo tempo o coração e a razão, terá sempre as mais numerosas simpatias, e o fará triunfar, pela força das coisas, sobre o princípio da especulação.

## Louis-Henri, o Trapeiro

### ESTUDO MORAL

Lê-se no *Siècle* de 12 de outubro de 1864:

“Numa horrível mansarda da passagem Saint-Pierre, em Clichy, vivia um homem chamado Louis-Henri, de sessenta e

quatro anos, mas parecendo ter oitenta. Tinha descido ao último degrau da vida social. Diziam que outrora tinha sido belo e perdulário; que havia transtornado muitas cabeças femininas e levado a existência em alta velocidade.

“Com efeito, por momentos lhe escapavam maneiras de falar características da sociedade refinada, e em sua casa viam-se duas deliciosas miniaturas, representando encantadoras mulheres. O círculo desses medalhões há muito tinha sido vendido e a pintura tinha-se tornado muito apagada para que dela se pudesse tirar proveito.

“Louis-Henri exercia o ofício de trapeiro. Mas era tão fraco, tão alquebrado, tão trêmulo, que não recolhia quase nada. Deitava-se sobre imundícies, que lhe serviam de leito, sem ao menos tirar os trapos. Outros trapeiros, quase tão pobres quanto ele, se cotizavam para lhe dar alguns alimentos, tais como casca de pão e restos de cozinha, provenientes de suas cestas. Estava coberto de chagas e roído de vermes. Já por várias vezes, diz o *Opinion nationale*, os soldados da brigada de Clichy tinham feito uma coleta entre si, a fim de pagar banhos sulfurosos àquele infeliz. Ele não sabia o paradeiro de sua família e havia esquecido o próprio nome. Só se recordava dos prenomes Louis-Henri.

“Desde alguns dias, o leproso, como o chamavam, não mais fora visto. Um odor infecto, que escapava de seu tugúrio, atraiu a atenção dos locatários; estes avisaram o comissário de polícia que, assistido pelo Dr. Massart, dirigiu-se ao local e mandou abri-lo por um serralheiro. Entre as imundícies, encontraram, corroídos pelos ratos, os restos decompostos do trapeiro, que se extinguiu em meio às suas enfermidades e males.”

Eis aí um triste revés da sorte e uma prova de que a justiça divina nem sempre espera a vida futura para agir sobre o culpado. Dizemos culpado por hipótese, porque uma tal degradação não pode ser senão o resultado do vício no seu mais alto grau. O

homem mais rico e mais altamente colocado pode tombar na última categoria da escala social; mas conservará a dignidade, se nele a honra não for abafada na mais profunda miséria.

Presumindo que a vida desse homem pudesse oferecer um ensinamento, a Sociedade de Paris julgou dever evocá-lo, na expectativa de, ao mesmo tempo, lhe ser útil.

(Sociedade de Paris, 28 de julho de 1864 – *Médium*: Sr. Vézzy)

*Pergunta* – Os detalhes que lemos de vossa vida e vossa morte nos interessaram, primeiro por vós, porque todos os que sofrem têm direito às nossas simpatias; e, depois, para nossa instrução. Seria útil, do ponto de vista moral, reconhecer como e por que causas, de uma existência que parece ter sido brilhante, caístes em tal abjeção, e qual a vossa situação atual? Rogamos a um Espírito bom que vos assista na comunicação que nos derdes.

I. *Resposta* – Não paguei bastante minha dívida de sofrimentos na Terra, para que me sejam concedidas algumas horas de lucidez no além-túmulo? É por que meu corpo está infecto e corroído pelos vermes, em disputa com a podridão que o dilacera, que meu Espírito está perturbado? Deixai que me reconheça um pouco.

A vós, que conheceis as leis divinas da imigração das almas, não preciso explicar o porquê desse estado abjeto a que descí. Todavia, desde que tal me é *ordenado*, vou contar-vos minha história... Aliás, uma anedota no meio de vossas sábias discussões e de vossos sérios argumentos causará diversão. Tendes aqui um certo público e isto os distrairá mais que a vossa moral e a vossa filosofia. Começo, pois.

*Observação* – Nesse dia a Sociedade tinha uma sessão geral, isto é, daquelas em que são admitidos uns tantos ouvintes estranhos. É a isto que o Espírito faz alusão.

Por que vos calaria o nome que tinha e que, sobretudo em meus últimos anos, eu mesmo parecia ter esquecido completamente? Não adivinhastes que a imundície que me arrasava era a única causa de meu silêncio a respeito? Eu fingia esquecer. Chamo-me... mas não; não quero jogar lama sobre os fraques e vestidos de seda e veludo dos que foram meus parentes e meus amigos, com os quais vivi durante a juventude e que ainda vivem. Também não quero que algumas velhas damas, que mudaram de residência, passando do toucador para o oratório, vejam no medalhão, que ainda conservam, pendurado nos lambris de suas alcovas, sob as vestes de galante gentil-homem, o infeliz abandonado. Para umas, morri na América, durante as guerras que se seguiram ao despertar de seus povos; para outras, fui dos últimos a morrer nas escaramuças sanguinolentas da Vandéia, gritando: Viva o Rei!

Não toquemos nesses louros, sobre os quais repouso em seus corações!... Morri para todas há muito tempo!... Também morri para ela!... Ah! Não gracejamos aqui!... Sim, para ti estou bem morto! morto para a eternidade! E, contudo, na Terra, quantas horas de êxtase e de arrebatamento não passamos! Quantas vezes teu olhar encontrou o meu olhar, meus sorrisos o teu sorriso! Não vives ainda senão para me mostrar tuas rugas e teus cabelos brancos. Mas quando chegar tua vez, em que serás tocada pela morte, não te verei mais!... Não!... Não!... Maldição! Ouço vozes que me gritam: Maldito!... Não, não, não a verei mais. Para ela, um dia a luz e o brilho; para mim, a noite e as trevas! Arranquei as asas do anjo na Terra, mas suas lágrimas lhe devolverão a pureza, e o perdão de Deus lhe concederá asas brancas de serafim.

Ah! por que a mocidade joga assim com o seu coração? Por que colher todas as flores à sua passagem, para depois as espezinhar? Entretanto, quando seu coração fala a linguagem da alma a uma outra alma, não mente. Por que é necessário que o sopro das paixões impuras a envelheça e atire seu corpo no

esterco?... Deixai que também derrame algumas lágrimas: elas são doces para os que sofrem!

Como gostaria de retornar à minha vida de outrora, para utilizar melhor as horas da juventude! Oh! como gostaria de possuir o meu coração de vinte anos! Eu o daria por inteiro a um coração irmão do meu; daria minha alma inteirinha a uma alma irmã da minha e, nas minhas aspirações, pediria a Deus que nos fizesse sentir todas as alegrias do céu!... Mas está feito. Por que minhas lágrimas e meus pesares? Homem degradado, que sonhas? Tudo está perdido para quem não soube aproveitar o tempo que lhe foi dado! Tudo está perdido para o miserável que não tirou proveito das qualidades que possuía!

Ó vós que me ouvís; sim, este que vos fala era dotado de belas faculdades. Para que lhe serviram? Para enganar com astúcia e conhecimento de causa! para cometer crimes! Mais tarde eu abafava os remorsos na orgia para não ouvir os gritos da consciência. Era gentil-homem; manejava a palavra e a espada com audácia; as mulheres me chamavam de refinado, acariciando-me a fronte e os cabelos em sua alcova, enquanto os homens me chamavam de invencível e de bravo! Orgulho!... Por que essas lembranças de outros tempos? Desgraça!... danação!... Vejo sangue em volta de mim! Por que esta espada, que usei para ferir, não se voltou contra meu peito?... Entre esses mortos, vedes este cadáver?... É meu filho!... Ironia!... Eis a consequência dos costumes de uma sociedade na qual riem de tudo!... Era eu o culpado e sabia que era meu filho? Sabia que a amante abandonada há vinte anos jogaria em meu caminho um fruto adúlterino, que eu não reconhecia e que viria disputar uma presa ao novo don Juan?... E queríeis que não tivesse esquecido meu nome depois de tais crimes? Ah! para mim a taça de vergonha e de infâmia! Eu devia morrer como morri, na imundícia. Sinto o frio do túmulo! sinto os vermes que me roem! Mas nada disto me faz sofrer tanto quanto a vista desta enorme ferida, feita por minha espada... Meu filho,



graça! se teu pai não te deu o nome, riscou o seu do mundo; se te deu a morte, também morreu na lama. Ah! abre-me teus braços; ensina a teu pai o caminho de Deus pelo perdão.

Que lúgubre história! Ao tomar esta mão para escrever, pensava que ia reencontrar meus sorrisos de outrora! Don Juan! Então é o meio em que me encontro que me penetra e me transforma?... Por que me evocastes? Por que me retirastes da noite para me mostrar um pouco de luz e, em seguida, lançar-me nas trevas? Por minha vez vos interrogo; respondi-me.

P. – Nós vos chamamos para vos ser úteis, e porque nos condoemos com os vossos sofrimentos. Que podemos fazer por vós?

*Resp.* – Ai! que sei eu? Cabe-vos instruir-me. Não me lanceis na obscuridade... Despertastes mortos; eu os vejo na noite; tenho medo!

P. – Oraremos por vós.

*Resp.* – Ah! orai. Dizem que a prece faz tanto bem aos que sofrem!

P. – Quereis assinar o vosso nome?

*Resp.* – Não, não! orai por mim.

Alguns dias depois outro médium, o Sr. Rul, de Passy, fez em particular a evocação do mesmo Espírito, dele obtendo as três comunicações seguintes. Julgamos supérfluo reproduzir os conselhos dados pelo médium ao Espírito; são os de um espírita sincero, animado de verdadeira caridade para com os seus irmãos sofredores.

II. Sim, orai por mim, porque as preces de vossos irmãos já me fizeram bem. Se soubésseis o que é o sofrimento de um desencarnado! Se pudésseis ler em meu semblante espiritual as marcas das paixões que o sulcaram, séreis tomado de piedade e

vossa mão fraternal, apertando a minha, sentiria a febre que me agita. Como sofro, desde que fui evocado pelo vosso presidente! Reconheço a justiça divina. Só, errando entre os mortos, pensava ser o único a conhecer os meus sofrimentos, e eis que em plena luz da publicidade sou chamado para fazer a confissão de meus erros! Oh! quantos erros a paixão me fez cometer! Não disse tudo ao vosso irmão; o pudor, a vergonha, me retinham; preferia não ter revelado as confissões que fiz e apagar esses caracteres indelévels, que me punham no pelourinho de vossas consciências. Mas oraram por mim e hoje reconheço o bem que me fizeram vossos corações caridosos; e para melhor merecer a vossa compaixão, porque sois espíritos, o que quer dizer indulgentes e compassivos, admito não ter recuado diante de nenhuma perversidade para satisfazer minhas paixões. Não cometi nenhum dos crimes punidos pela lei dos homens; contudo, os vícios que vossa sociedade tolera e desculpa, sobretudo quando se tem nome e fortuna, estão sujeitos à jurisdição divina, que jamais os deixa impunes. Eu os expiei cruelmente na Terra; caí no último grau da miséria, do aviltamento e do desprezo, eu que outrora brilhava e fazia invejosos e ciumentos, e o castigo me perseguiu no além-túmulo. Não matei como um vil assassino; não roubei, porque o meu orgulho de gentil-homem se teria revoltado à só idéia de ser confundido com os criminosos; e, no entanto, matei, salvaguardando a honra, segundo o mundo; levei a ruína, a vergonha e o desespero às famílias, e me chamavam o felizardo, o homem de sorte! Quantas vítimas clamam por vingança em volta de mim! Oh! por quanto tempo carregarei o fardo desses crimes! Orai por mim, porque sofro a ponto de sentir minha alma se partir!

Obrigado, obrigado, caro irmão. Quero dar-te o nome que me dás; agradeço tuas lágrimas, pois me aliviaram; agradeço a tua prece, pois atraiu para junto de mim Espíritos cheios de glória, que me dizem: Espera, tu que foste tão culpado; espera na misericórdia de Deus, que perdoa a todos os seus filhos que se arrependem. Persevera nas boas resoluções e serás mais forte para suportar teus sofrimentos.

Obrigado a ti, que me tiras do nevoeiro que me envolvia. Possa eu te provar um dia que o reconhecimento de teu irmão é para a eternidade!

III. O remorso me persegue; sofro muito, mas compreendo a necessidade de sofrer; compreendo que a impureza só se pode tornar pura depois de transformada ao contato do fogo.

Os Espíritos bons me dizem que espere, e eu espero; que ore, e orei; mas preciso de um amigo que me dê a mão para me sustentar e me impedir de sucumbir sob o meu fardo, que é muito pesado. Sê para mim esse irmão caridoso, esse amigo devotado. Escutarei teus conselhos; orarei contigo; prosternar-me-ei contigo aos pés do Eterno.

Quantas vezes vi minha espada tinta do sangue de um de meus irmãos! Fui implacável em minhas vinganças, e quando o agulhão da carne, a vaidade e o desejo de triunfar sobre os meus rivais me exaltavam, eu precisava da vitória a qualquer preço. Triste vitória! manchada pelas mais baixas paixões. Era cruel quando meu orgulho estava excitado; sim, fui um grande culpado, mas quero tornar-me um filho do Senhor. Por isto vim dizer-te: Sê meu irmão para me ajudar a purificar-me. Irmãos, oremos juntos.

IV. Obrigado, obrigado, irmão. Estou sob a impressão das palavras que acabas de pronunciar. Estou mais forte; vejo o objetivo e, sem tentar medir a distância que dele me separa, digo com os meus botões: Chegarei, porque quero, e tenho confiança nos Espíritos bons, que me dizem que espere. Na Terra jamais duvidei do sucesso, quando fazia o mal; como poderei duvidar, quando hoje quero fazer o bem?

Obrigado, irmão, por tua caridade, por tuas boas preces, por teus ensinamentos, pois deles tiro minha força e sinto crescer o meu arrependimento. Se o arrependimento duplica o sofrimento, sei que esse tratamento não durará mais que um tempo

e que a felicidade me espera após a depuração. Quero, então, sofrer, sofrer muito, para merecer ser feliz mais rapidamente dessa felicidade que gozam os Espíritos radiantes, que vejo perto de ti.

Até breve, irmão, pois vejo que tens um outro Espírito sofredor para consolar e fortalecer em seu arrependimento. Pensa em mim; em tua prece da noite estarei junto de ti.

### CONSIDERAÇÕES GERAIS

É evidente que esse Espírito está no bom caminho, há nele uma luta de bom augúrio, pois só pede para ser esclarecido.

Entretanto, suas idéias se ressentem de certos preconceitos. Como muita gente que neles imaginam encontrar uma desculpa, ele se prende à sociedade. Mas, o que é que torna má a sociedade, senão as pessoas viciosas? Sem dúvida a sociedade deixa muito a desejar, no que diz respeito às instituições; mas desde que nela se encontram criaturas honestas, cumpridoras de seus deveres, todos poderiam fazer o mesmo, já que ela não força ninguém a fazer o mal. Era a sociedade que obrigava Louis-Henri a abandonar aquela mulher e seu filho? Se não reconheceu este, por que o perdeu de vista, sem se inquietar com sua existência? Foram os preconceitos sociais que o impediram de dar seu nome àquela mulher? Não, porque tinha como móvel apenas suas paixões. Era a instrução que lhe faltava? Não, pois pertencia à classe alta. A sociedade não é culpada para com ele; ela nada lhe recusou, já que em tudo o favorecera. Ele, pois, é que foi culpado para com a sociedade, porque agiu livremente, voluntariamente e com conhecimento de causa. Quem lançou seu filho no caminho dos excessos? O acaso? Não: a Providência, a fim de que o remorso, que mais tarde experimentaria, servisse ao seu adiantamento.

A verdadeira chaga da sociedade, a causa primeira de todas as desordens, é a incredulidade. A negação do princípio espiritual, a crença no nada depois da morte, as idéias materialistas,

numa palavra, altamente preconizadas por homens influentes, infiltram-se na juventude, que as suga, por assim dizer, com o leite. O homem que só acredita no presente quer gozar a qualquer preço e é conseqüente consigo mesmo, pois nada espera além da tumba; como não espera nada, nada teme. Se Louis-Henri tivesse tido fé em sua alma e no futuro, teria compreendido que a vida corporal é fugidia e precária e dela não teria feito o seu único objetivo; sabendo que nada do que aqui se adquire é perdido, ter-se-ia preocupado com sua sorte futura, ao passo que agiu como alguém que dissipa o capital e joga sua última carta.

Quantas desordens, quantas misérias, quantos crimes têm sua fonte nesta maneira de encarar a vida! Quais os primeiros culpados? Os que a erigem em dogma, em crença, zombando e tratando como loucos os que acreditam que nem tudo está na matéria e no mundo visível. Louis-Henri não foi bastante forte para resistir a essa corrente de idéias; sucumbiu, vítima de suas paixões, que encontravam uma justificação no materialismo, ao passo que uma fé sólida e raciocinada lhe teria posto um freio mais poderoso que todas as leis repressivas, incapazes de alcançar todos as ações más. O Espiritismo dá esta fé, razão por que opera tão numerosas transformações morais.

As três últimas comunicações confirmam a primeira, obtida por outro médium; evidentemente, o cerne do pensamento é o mesmo. Aí se nota o progresso operado nesse Espírito, e nela podemos colher mais de um ensinamento.

Na primeira, fazendo a confissão de suas faltas, ainda não há arrependimento sério, nem resolução tomada; quase protesta por ter sido evocado.

Na segunda, diz: “Como sofro desde que fui evocado por vosso presidente!”. Estas palavras justificariam o dito de certas pessoas, que pretendem que os mortos são perturbados quando se

os evoca? Não, certamente; primeiro, porque só vêm quando lhes convém; em segundo lugar porque, em sua maioria, testemunham satisfação por serem chamados, quando o são por um sentimento simpático e benevolente. Certos culpados só vêm com repugnância e, neste caso, não são constrangidos pela evocação, mas por Espíritos superiores, tendo em vista o seu adiantamento. Sua repugnância é a do criminoso conduzido a um tribunal. A evocação dos Espíritos culpados, tendo como objetivo e resultado a sua melhora, a contrariedade momentânea que lhes causa é vantajosa para eles, porquanto, ao excitá-los ao arrependimento, abreviam os sofrimentos que suportam no mundo dos Espíritos. Seria, então, mais caridoso deixá-los apodrecer na abjeção em que se acham, do que dali os tirar? O sofrimento que disso resulta é semelhante ao que o médico faz passar o doente, para o curar. Tirei da lama um homem embrutecido: ele protestará. Dá-se o mesmo com os Espíritos.

Nas comunicações desse Espírito encontra-se um pensamento análogo ao que exprimia Latour sobre o sofrimento causado pelo arrependimento. Explicamos a causa desse sentimento (número de novembro de 1864); é o mesmo que levou este a dizer: “Sofro desde que fui evocado, e o remorso me persegue; sofro muito.” É, pois, o remorso que o faz sofrer, mas é esse remorso que o deve salvar, e foi a evocação que o provocou. Mas ele acrescenta estas palavras notáveis: “Compreendo a necessidade de sofrer; compreendo que a impureza só se torna pura depois de transformada ao contato do fogo.” E mais adiante: “Se o arrependimento duplica o sofrimento, sei que esse sofrimento apenas durará um tempo, e que a felicidade me aguarda após a depuração.” Esta certeza o faz dizer: “Quero sofrer, sofrer muito, para mais depressa ser feliz.” Depois disto, é de admirar que um Espírito escolha terríveis provações em nova existência? Não está no caso de um doente que se resigna a uma operação dolorosa para ficar bom? ou no de um homem que se expõe a todos os perigos, que suporta todas as misérias, todas as fadigas e todas as

privações, com vistas a adquirir a fortuna ou a glória? Nada há, pois, de irracional, no princípio da livre escolha das provas da vida. Para aproveitá-la, a condição não é recuar. Ora, é recuar não as suportar com coragem e resignação.

Qual será a sorte de Louis-Henri numa nova existência? Como expiou cruelmente suas faltas em sua última existência, e como no estado de Espírito é sincero o seu arrependimento e sérias as suas boas resoluções, é provável que seja posto em condições de reparar os erros, fazendo o bem. Mas como pagou sua dívida de sofrimentos corporais, não terá mais de passar pelas mesmas vicissitudes.

É o que lhe auguramos e, por isso, oramos por ele.

## Necrológio

### MORTE DO SR. BRUNEAU

A Sociedade Espírita de Paris acaba de perder um de seus membros na pessoa do Sr. Bruneau, falecido a 13 de novembro de 1864, aos setenta anos, cuja morte o *Opinion nationale* anuncia nestes termos:

“A morte atinge em cheio os membros sobreviventes da missão são-simoniana no Egito. Depois de Enfantin, de Lambert Bey, temos hoje a deplorar a perda do Sr. Bruneau, antigo coronel de artilharia, que fundou naquele país a escola de cavalaria, enquanto Lambert Bey, seu genro, organizou uma escola politécnica. O Sr. Bruneau morreu como homem livre, cheio de esperanças no progresso físico, intelectual e moral, cheio de fé nas doutrinas religiosas e sociais da juventude.”

Antigo aluno da Escola Politécnica, o Sr. Bruneau era membro da Sociedade Espírita de Paris há vários anos. Ignoramos

a fé que tinha no futuro das doutrinas religiosas e sociais de sua juventude, mas sabemos que tinha confiança absoluta no futuro do Espiritismo, do qual era adepto fervoroso e esclarecido. Havia adquirido uma fé inabalável na vida futura e nas reformas humanitárias, que são a sua conseqüência. Acrescentaremos que seus colegas puderam apreciar suas excelentes qualidades, sua extrema modéstia, sua benevolência e sua caridade. Comunicou-se na Sociedade poucos dias depois de sua morte, e deu prova da elevação de seu Espírito pela justeza e profundidade de suas apreciações. Para ele o mundo invisível não teve nenhuma surpresa, pois o compreendia antecipadamente. Assim, veio nos confirmar tudo o que a doutrina nos ensina a respeito. Reencontrou com alegria os parentes, amigos e colegas que o haviam precedido e que o aguardavam em sua chegada entre eles.

A Sociedade Espírita de Paris estava representada nas exéquias do Sr. Bruneau por uma delegação de vinte membros. Teríamos considerado um dever exprimir naquela ocasião os sentimentos da Sociedade; como, porém, sabíamos que a família não era simpática às nossas idéias, julgamos por bem abster-nos de qualquer manifestação. O Espiritismo não se impõe; quer ser aceito livremente; daí porque respeita todas as crenças e, por espírito de tolerância e de caridade, evita o que possa chocar as opiniões contrárias às suas.

Aliás, o justo tributo de elogios e pesares, que não lhe pôde ser pago ostensivamente, ante um público indiferente ou hostil, o foi com muito mais recolhimento no seio da Sociedade. Na sessão seguinte às exéquias, foi pronunciada uma alocução, e todos os seus colegas se uniram de coração às preces que foram ditas em sua intenção.

Na sessão da Sociedade consagrada à memória do Sr. Bruneau, o Sr. Allan Kardec proferiu o seguinte discurso:



Senhores e caros irmãos espíritas,

Um de nossos colegas acaba de deixar a Terra para entrar no mundo dos Espíritos. Consagrando-lhe especialmente esta sessão, cumprimos para com ele um dever de confraternidade, ao qual, não tenho dúvida, cada um de nós se associará de coração e por santa comunhão de pensamentos.

O Sr. Bruneau fazia parte da Sociedade desde 1<sup>o</sup> de abril de 1862. Membro do comitê, ele era, como o sabeis, muito assíduo às nossas sessões. Todos pudemos apreciar a doçura de seu caráter, sua extrema benevolência, sua simplicidade e sua caridade. Não há um infortúnio assinalado na Sociedade, em favor do qual não tenha ele trazido a sua oferenda. Sua morte nos revelou outra qualidade eminente que ele possuía: a modéstia. Jamais alardeou seus títulos, que o recomendavam como homem de saber. Uma circunstância fortuita me dera a conhecer que era antigo aluno da Escola Politécnica, mas todos nós ignorávamos que tivesse sido coronel de artilharia e desempenhado uma missão superior no Egito, onde fundou uma escola de cavalaria, ao mesmo tempo que seu genro, Lambert Bey, ali fundava uma escola politécnica. Nós o conhecíamos como um espírita sincero, devotado e esclarecido; e, embora se calasse sobre os seus títulos, não escondia suas opiniões.

Estas circunstâncias, senhores, nos tornam sua memória ainda mais cara, e não duvidamos que tenha encontrado, no mundo dos Espíritos, uma posição digna de seu mérito.

O Sr. Bruneau tinha sido um dos membros ativos da escola são-simoniana, detalhe que os jornais que anunciaram sua morte tiveram o cuidado de destacar, embora tivessem evitado dizer que ele morreu na crença espírita.

Não vamos discutir aqui os princípios da escola são-simoniana. Contudo, o início do artigo do *Opinion nationale* nos leva involuntariamente a fazer uma comparação. Ali está dito: “A morte

atinge em cheio os membros da missão são-simoniana no Egito; depois de Enfantin, de Lambert Bey, temos hoje a deplorar a perda do Sr. Bruneau, etc.” Durante alguns anos o são-simonismo brilhou intensamente, quer pela singularidade de algumas de suas doutrinas, quer pelos homens eminentes ligados a ele; sabe-se, porém, quão passageiro foi esse brilho. Por que, então, uma existência tão efêmera, se estava de posse da verdade filosófica?

Por vezes a verdade é lenta para propagar-se; mas, desde que começa a despontar, cresce sem cessar e não perece, porque a verdade é eterna, e é eterna porque emana de Deus. Só o erro é perecível, porque vem dos homens. O progresso é a lei da Humanidade. Ora, a Humanidade não pode progredir senão à medida que descobre a verdade. Uma vez feita a descoberta, está adquirida e inquebrantável. Que teoria poderia hoje prevalecer contra a lei do movimento dos astros, da formação da Terra e tantas outras? A filosofia só é mutável porque é o produto de sistemas criados pelos homens; só terá estabilidade quando tiver adquirido a precisão da verdade matemática. Se, pois, um sistema, uma teoria, uma doutrina qualquer, filosófica, religiosa ou social, marchar para o declínio, é prova certa de que não está com a verdade absoluta. Em todas as religiões, sem excetuar o Cristianismo, o elemento divino é imperecível; o elemento humano cai, se não estiver em harmonia com a lei do progresso; mas como o progresso é incessante, resulta que, nas religiões, o elemento humano deve modificar-se, sob pena de perecer; só o elemento divino é invariável. Vede-o na lei mosaica: as tábuas do Sinai estão de pé, tornando-se cada vez mais o código da Humanidade, enquanto o resto já fez seu tempo.

Não podendo a verdade absoluta estabelecer-se senão sobre as ruínas do erro, forçosamente encontra antagonistas entre os que, vivendo do erro, têm interesse em combater a verdade e, por isto mesmo, lhe fazem uma guerra obstinada; mas ela logo conquista as simpatias das massas desinteressadas. Foi assim com a

doutrina são-simoniana? Não. Como prática ela viveu; só sobreviveu como teoria simpática e crença individual no pensamento de alguns de seus antigos adeptos. Mas, como o constata o *Opinion nationale*, levando diariamente alguns de seus representantes, não está longe o tempo em que todos terão desaparecido; então, ela só viverá na História. Donde se deve concluir que não possuía toda a verdade e não correspondia a todas as aspirações.

Isto quer dizer que todas as seitas e escolas que caem estejam no falso absoluto? Não; ao contrário, em sua maior parte, elas entreviram uma ponta da verdade; mas a soma das verdades que possuíam não era bastante grande para sustentar a luta contra o progresso e não se acharam à altura das necessidades da Humanidade. Aliás, em geral as seitas são muito exclusivas e, por isto mesmo, estacionárias. Disto resulta que as que puderam marcar uma etapa do progresso em certa época, acabam se distanciando e se extinguem pela força das coisas. Entretanto, sejam quais forem os erros sob os quais sucumbiram, sua passagem não foi inútil: agitaram as idéias, tiraram o homem do entorpecimento, levantaram questões novas que, mais bem elaboradas e libertas do espírito de sistema e de exagero, mais tarde recebem a sua solução. Entre as idéias que semeiam, só as boas frutificam e renascem sob outra forma; o tempo, a experiência e a razão fazem justiça às outras.

O erro de quase todas as doutrinas sociais, apresentadas como a panacéia dos males da Humanidade, é o de apoiar-se exclusivamente nos interesses materiais. Disto resulta que a solidariedade que buscam estabelecer entre os homens é frágil como a vida corporal; os laços de confraternidade, não tendo raízes no coração e na fé no futuro, rompem-se ao menor choque do egoísmo.

O Espiritismo se apresenta em condições completamente diversas. Está com a verdade? Nós o cremos; mas

nossas bases são melhores que as dos outros? Os motivos que nos levam a nele crer são muito simples; eles ressaltam, ao mesmo tempo, da causa e dos efeitos. Como causa, tem a seu favor não ser uma concepção humana, produto de um sistema pessoal, o que é capital. Não há um só de seus princípios – e quando digo um só não faço nenhuma exceção – que não seja baseado na observação dos fatos. *Se um só dos princípios do Espiritismo fosse o resultado de uma opinião individual, este seria o seu lado vulnerável.* Mas desde que nada avança que não seja sancionado pela experiência dos fatos, e que os fatos estão nas leis da Natureza, deve ser imutável como essas leis, porque por toda parte e em todos os tempos encontrará sua sanção e sua confirmação e, mais cedo ou mais tarde, é preciso que, diante dos fatos, todas as crenças se inclinem.

Com efeito, ele corresponde a todas as aspirações da alma; satisfaz, ao mesmo tempo, ao espírito, à razão e ao coração; preenche o vazio deixado pela dúvida; dá uma base, uma razão de ser à solidariedade, pela ligação que estabelece entre o presente e o futuro; enfim, assenta em base sólida o princípio de igualdade, de liberdade e de fraternidade. É, assim, o pivô sobre o qual se apoiarão todas as reformas sociais sérias. Ele próprio apoiando-se nos fatos e nas leis da Natureza, sem mistura de teorias humanas, não se arrisca a afastar-se do elemento divino. Assim, oferece o espetáculo, único na história de uma doutrina que, em alguns anos, implantou-se em todos os pontos do globo e cresce sem cessar; que liga todas as crenças religiosas, ao passo que as outras são exclusivas e permanecem fechadas num círculo circunscrito de adeptos.

Tais são, em poucas palavras, as razões sobre as quais se apoia a nossa fé na verdade e na estabilidade do Espiritismo. Esperamos que nosso antigo colega e sempre irmão Bruneau tenha a bondade de nos dizer como encara a questão, hoje que a pode considerar de um ponto mais elevado.

*Nota* – A comunicação do Sr. Bruneau correspondeu plenamente à nossa expectativa. Ela se liga, assim como as que foram obtidas nesta sessão, a

um conjunto de questões que serão tratadas ulteriormente; por isso adiamos a sua publicação.

## Variedades

### COMUNICAÇÕES PELO AVESSE

(Antuérpia, 1º de novembro de 1864)

O omsitiripsE sov anisne saud sednarg sedadrev: a aicnêtsixe ed mu sueD e a edadilatromi ad amla. OdnitraP sessed siod soipícirp, euq oã es airedop ritimda uo ratiejer mu mes o ortuo, es-agehc olep selpmis oinícoicar a riurtsed o oigítserp osohlivaram e rop sezev oirbmos moc euq es mezarpmoc me racrec atse anirtuod. ArO, olep otaf odatatsnoc ad edadilatromi ad amla, es-agehc à oãsulcnoc otium selpmis ed euq somos sodot sotirípsE. SóV, sotirípsE sodanracne, otsi é, sodanoisirpa me ossov oirótlodne onerret odamahc oproc e sodagerracne rop sueD arap sedriugesrep amu oãssim ed euq áj somed atnoc oa onarebos ziuuj, mifne, sodot, soviv e sotrom, somiugesrep o omsem ovitejbo: a oãçiefrep. É rop ossi euq siarit oa omsitiripsE odot retárac ocitsátnaf e larutanerbos arap o racoloc an medro ad iel larutan.

SetnA ed ritrap, amu amitlú oãçadnemocer: oã sov sieugitaf etnemadaisamed e, an arief-atrauq, iezaf amu aob ecerpt solep sotrom, adahnapmoca ed mu ota ed edadirac.

ÉtA everb.

Demos acima um curioso exemplo da escrita tiptológica inversa, da qual falamos no número de outubro último. Notar-se-á que não são apenas as palavras que são ditadas pelo avesso, mas os parágrafos inteiros; de sorte que é preciso começar pela última letra de cada parágrafo. Deixamos aos nossos leitores o cuidado da tradução.

## Notas Bibliográficas

COMO E POR QUE ME TORNEI ESPÍRITA

Por J.-B. Borreau, de Niort<sup>27</sup>

O autor conta como foi levado a crer na existência dos Espíritos, em suas manifestações e em sua intervenção nas coisas deste mundo, e isto muito tempo antes que se cogitasse do Espiritismo. Foi conduzido por uma série de acontecimentos, quando de maneira alguma pensava neles. Nas experiências que fazia com objetivo muito diverso, o mundo dos Espíritos se lhe apresentou pelo seu lado pior, é verdade, mas, enfim, apresentou-se como parte ativa. O Sr. Borreau o encontrou sem querer, absolutamente como os que, buscando a pedra filosofal, encontraram no fundo de suas retortas novos corpos que não procuravam, e que enriqueceram a Ciência, se não se enriqueceram eles próprios.

O relato detalhado e circunstanciado do Sr. Borreau é, ao mesmo tempo interessante, porque verdadeiro, e muito instrutivo pelos ensinamentos que ressaltam para quem quer que, não se detendo na superfície das coisas, busque as deduções e as conseqüências que podem ser tiradas dos fatos.

O Sr. Borreau é um grande magnetizador. Por si mesmo tinha constatado a força do agente magnético e a espantosa lucidez de certos sonâmbulos, que vêem a distância com tanta precisão quanto com os olhos, e cuja visão não é detida nem pela obscuridade, nem pelos corpos opacos. Para ele tais fenômenos tinham sido a prova palpável da existência, no homem, de um princípio inteligente independente da matéria. Seu desejo ardente era propagar esta Ciência nova; mas, desesperançado de vencer a incredulidade, teve a idéia de ferir as imaginações por um fato

27 Brochura in-8º Preço: 2 fr. — Niort: todas as livrarias; Paris: Didier & Cie, 35, quai des Augustins; Ledoyen, Palais-Royal.

retumbante, ante o qual poderiam cair todas as denegações e as mais obstinadas dúvidas.

Diz ele: desde que a visão dos sonâmbulos tudo penetra, pode penetrar as camadas terrestres. A descoberta ostensiva de algum tesouro enterrado seria um fato patente, que não deixaria de fazer muito ruído e impor silêncio aos zombadores, porque não se zomba diante de tesouros.

É a história de suas tentativas que os R. Borreau conta na sua brochura, tentativas penosas, perigosas, que muitas vezes lhe fizeram crer na vitória e que, após vinte anos, só levaram a decepções e mistificações. Um dos episódios mais comoventes é o da cena terrível que ocorreu, quando, fazendo escavações num campo da Vandéia, numa noite escura, ao pé de pedras druídicas, e em meio a sombrias giestas, no momento em que julgava tocar o objetivo, a sonâmbula, no paroxismo do êxtase e da superexcitação, caiu inanimada, como que fulminada por um raio, não dando mais sinal de vida e apresentando rigidez cadavérica. Julgaram-na morta e tiveram de a transportar, com muitas dificuldades, através de ravinas e rochas, numa noite escura. Só depois de várias léguas daí é que ela começou a voltar a si, sem ter consciência do que se havia passado. Este insucesso não desencorajou o perseverante pesquisador, a despeito de uma porção de outros incidentes, não menos dramáticos, que muitas vezes surgiam de permeio, como que para adverti-lo da inutilidade e do perigo de suas tentativas.

Foi durante o curso de suas experiências que a existência dos Espíritos lhe foi revelada de maneira patente, quer pela sonâmbula, que os via e conversava com eles, quer por mais de cinquenta casos de *escrita direta*, cuja origem não podia ser posta em dúvida. Esses Espíritos se apresentavam ora sob aspectos pavorosos, provocando na sonâmbula crises terríveis, que a força magnética do Sr. Borreau não conseguia acalmar, ora sob a aparência de Espíritos benevolentes que vinham encorajá-lo a

continuar suas pesquisas, sempre prometendo sucesso, mas cujo termo sempre retardavam. Persistir em tais condições, devemos dizê-lo, era representar um jogo muito perigoso e incorrer em grave responsabilidade. Acrescentemos que os Espíritos prescreviam muitas novenas, das quais o Sr. Borreau acabou por se cansar, achando que ficava muito caro, o que o levou a esta reflexão: as preces ditas por ele mesmo podiam ser igualmente eficazes e nada custariam.

Hoje, que o Espiritismo veio esclarecer todas essas questões, cada um dos parágrafos da brochura poderia dar lugar a um comentário instrutivo, mas dois números inteiros de nossa *Revista* não seriam suficientes. Talvez um dia empreendamos esse trabalho. Enquanto isto, qualquer pessoa versada no conhecimento dos princípios do Espiritismo poderá tirar suas próprias conclusões. Para tanto, remetemos o leitor ao capítulo XXVI de *O Livro dos Médiuns* e, notadamente, aos §§ 294 e 295, bem como às reflexões que acompanham o artigo sobre a sociedade alemã dos pesquisadores de tesouros, publicada na *Revista* de outubro de 1864.

Diz o Sr. Borreau que o seu único objetivo era vencer a incredulidade a respeito do magnetismo. Contudo, embora não tenha tido sucesso, o magnetismo e o sonambulismo não deixaram de fazer o seu caminho. A despeito da oposição sistemática de alguns cientistas, os fenômenos dessa ordem hoje passaram ao estado de fatos e são aceitos pela massa e por grande número de médicos; as curas magnéticas são admitidas até no mundo oficial; algumas pessoas, por espírito de oposição, ainda os contestam, mas já não riem, tanto é certo que o que é verdade mais cedo ou mais tarde deve triunfar.

O êxito das tentativas do Sr. Borreau não era, pois, necessário. Ele não atingiu o objetivo a que se propunha, porque um fato isolado não pode fazer lei, e aos incrédulos não teriam faltado razões para o atribuir a qualquer outra causa que não a



verdadeira. Dizemos mais: o êxito teria sido deplorável para o magnetismo.

Um princípio novo só se torna aceito pela multiplicidade dos fatos. Ora, a possibilidade para alguém descobrir um tesouro implicaria tal possibilidade para todo o mundo. Para melhor se convencer, cada um teria querido experimentar. Nada mais natural, pois teriam podido enriquecer tão fácil e tão prontamente! Os preguiçosos aí teriam achado o seu salário e os ladrões também, já que a lucidez não se deteria ante o direito de propriedade. A cupidez, já chegada ao estado de flagelo, não precisava desse novo estimulante. A Providência não o quis; mas como o magnetismo é uma lei da Natureza, triunfou pela força das coisas. Sua propagação se deve, sobretudo, à sua força curativa, o que denota um fim humanitário, e não egoísta, como o é necessariamente o atrativo do ganho. Os inúmeros fatos de cura, que se repetem em todos os pontos do globo, fizeram mais para acreditá-lo do que o teria feito a descoberta do maior tesouro, ou mesmo as mais curiosas experiências, já que todo o mundo pode aproveitar os seus benefícios, ao passo que não há tesouros para todos e a própria curiosidade se cansa. Jesus fez mais prosélitos curando doentes do que pelo milagre das bodas de Caná. Dá-se o mesmo com o Espiritismo: aqueles que ele traz a si pela consolação estão para os que recruta pela curiosidade na proporção de 100 para 1.

Essas tentativas, embora infrutíferas do ponto de vista material, deixaram de ter proveito para o Sr. Borreau? Eis o que ele mesmo diz a respeito:

“Todas essas reflexões de tal modo haviam ensombrado o meu Espírito, habitualmente tão alegre, que me tornei, durante o resto da viagem, triste, pensativo e injusto, a ponto de lamentar ter dado guarida, no pensamento, a essa idéia fixa que me tinha lançado em todas as tribulações desses caminhos

desconhecidos. Que ganhei com isto? perguntava-me com amargura. O conhecimento, é verdade, de um mundo que ignorava e a possibilidade de me pôr em contato com os seres que o compõem. Mas, depois de tudo, esse mundo, assim como o nosso, deve ter seus Espíritos bons e maus. Quem me dá a certeza de que, malgrado o interesse que parece nos trazer, e todas as suas belas e benevolentes palavras, aquele que parece ter-se imposto a nós só tenha boas intenções e o poder, como o diz, de nos conduzir ao brilhante êxito que sonhei e que, talvez, não me tenha inspirado senão para me seduzir e me induzir em erro?”

Então nada representa a constatação do mundo invisível, a coisa que interessa no mais alto grau o futuro da Humanidade inteira, pois toda ela deve chegar aí? Não é um imenso resultado a descoberta dessa pedra angular de todos os problemas, contra os quais a filosofia se tem chocado até hoje? Não é um insigne favor ter sido um dos primeiros chamados a esse conhecimento? Não é um grande serviço prestado à causa do magnetismo, involuntariamente é verdade, ter fornecido à sua custa uma nova prova, entre mil outras, da impossibilidade de ter êxito em semelhantes casos e de desviar os que fossem tentados a fazer tais ensaios e alimentar esperanças quiméricas? Foi a esse resultado que chegaram as laboriosas pesquisas do Sr. Borreau; se não encontrou um tesouro para esta vida, encontrou outro mil vezes mais precioso para a outra, porquanto, o que tivesse encontrado na Terra, forçosamente o deixaria, quando dela partisse, ao passo que levará consigo um tesouro imperecível. Está satisfeito com isto? Nós o ignoramos.

Seja como for, não podemos deixar de estabelecer um paralelo entre este fato e o velho da fábula, que disse aos seus três filhos que havia um tesouro oculto no campo que lhes deixava de herança. Então dois deles se puseram a cavar, cada um sua porção; mas nada de tesouro. O terceiro, mais sábio, lavrou a sua com cuidado, tão bem que ao cabo de um ano ela lhe rendeu muito. Daí a máxima: “Trabalhai, envidai esforços; o essencial é o que menos

falta.” O Espírito fez como o velho e, em nossa opinião, o Sr. Borreau encontrou o verdadeiro tesouro.

Nossa crítica em nada atinge a pessoa do Sr. Borreau, que conhecemos de longa data, e temos como digno de estima em todos os sentidos. Simplesmente quisemos mostrar a moralidade que ressalta de suas experiências, em proveito da Ciência e de cada um em particular. Desse ponto de vista, sua brochura é eminentemente instrutiva e, ao mesmo tempo, interessante, pelos notáveis fenômenos que constata. Daí por que a recomendamos aos nossos leitores.

### O MUNDO MUSICAL

#### Jornal Popular e Internacional de Belas-Artes e de Literatura

Tal é o título de um novo jornal que se publica em Bruxelas, no formato dos grandes jornais, sob a direção dos Srs. Malibran e Roselli, nomes que são, ao mesmo tempo, um programa e uma recomendação para a especialidade dessa folha. Não é como órgão das artes que vamos apreciá-lo; deixamos este ponto a outros mais competentes que nós e que o julgam à altura de seu título. Com efeito, não poderia ser confundido com essas folhas levianas que, sob a insígnia da literatura, dão a seus leitores mais facécias que fundo e, muitas vezes, mais espaços em branco que texto. O *Mundo Musical* é um jornal sério, onde todas as questões de seu programa são tratadas de maneira substancial e por mãos hábeis. Esta consideração é importante para nós.

Esse jornal é um primeiro passo da imprensa independente no caminho do Espiritismo. Sem se apresentar como órgão e como propagador da doutrina fez este raciocínio judicioso:

“Verdadeiro ou falso, o Espiritismo ocupou um lugar entre os fatos da atualidade que preocupam a opinião. As tempestades que provoca num certo mundo mostram que não é sem importância; sua propagação, malgrado os ataques do clero,

prova que não é um fogo de palha; pelo número de seus aderentes, já se torna uma potência, com a qual, cedo ou tarde, se há de contar. Se for um erro, cairá por si mesmo; se for uma verdade, é inevitavelmente uma revolução nas idéias e nada se lhe poderia opor. Numa e noutra destas duas alternativas, devemos, a título de informação, pôr os nossos leitores ao corrente do estado da questão. Em nossa opinião, falar disto ou de outra coisa seria melhor do que divulgar a crônica escandalosa dos bastidores e dos salões.

“Para pôr nossos leitores em condições de julgar com conhecimento de causa, tomamos a maioria de nossas citações dos escritos que fazem fé entre os adeptos desta doutrina; mas, como não devemos nem queremos forçar a opinião de ninguém, nem a favor, nem contra, admitimos a controvérsia, desde que não se afaste dos limites de uma discussão proveitosa e honesta. Mantendo-nos no terreno da imparcialidade, cada um é livre em suas convicções. As opiniões favoráveis ou contrárias, que venham a ser formuladas em certos artigos, devem ser consideradas como opiniões pessoais dos seus respectivos autores e em nada comprometem a responsabilidade do jornal.”

Tal é o resumo do programa que nos foi apresentado e que só podemos aplaudir. Seria desejável que este exemplo tivesse imitadores na imprensa; o que censuramos nesta não é a discussão dos nossos princípios, mas a crítica cega e sistematicamente malévola, que deles fala sem os conhecer e os desnatura de maneira pouco leal. Os jornais que entrarem francamente nesta via, longe de com isto perder, só poderão ganhar materialmente, porque os espíritas hoje formam uma massa de leitores cada vez mais preponderante, e cuja simpatia irá naturalmente para o seu lado.

Sob esse aspecto, o *Mundo Musical* merece seu encorajamento.

*Nota* – O *Mundo Musical* aparece aos domingos, desde o dia 1<sup>o</sup> de outubro de 1864. Preço da assinatura: 4 francos por ano para a Bélgica; 10

francos para a França. Pode-se assiná-lo a partir do dia 1<sup>o</sup> de cada mês: em *Bruxelas*, no escritório do jornal, rue de l'Écuyer, 18; em Paris, na agência do jornal, rue de Buffaut, 9.

Uma sociedade foi formada para a exploração desse jornal, com capital de 60.000 francos, divididos em 2.400 ações de 25 fr. cada uma.

#### AUTO-DE-FÉ DE BARCELONA

Fotografia de um desenho do local, representando a cerimônia do auto-de-fé dos livros espíritas em Barcelona, com resumo da ata escrita pelo Sr. Allan Kardec.

Preço: 1 fr. 25 c., *franco* para a França e Argélia; porte e embalagem 1 fr. 50 c.

No escritório da *Revista Espírita*.

## Comunicação Espírita

### A PROPÓSITO DA IMITAÇÃO DO EVANGELHO

(Bordeaux, maio de 1864. Grupo de São João – Médiun: Sr. Rul.)

Acaba de aparecer um novo livro; é uma luz mais brilhante que vem clarear a vossa marcha. Há dezoito séculos, por ordem de meu Pai, vim trazer a palavra de Deus aos homens de boa vontade. Esta palavra foi esquecida pela maioria dos homens, e a incredulidade, o materialismo vieram abafar o bom grão que eu tinha depositado em vossa Terra. Hoje, por ordem do *Eterno*, os Espíritos bons, seus mensageiros, vêm a todos os pontos do globo fazer ouvir a trombeta retumbante. Escutai suas vozes; são destinadas a vos mostrar o caminho que conduz aos pés do Pai celestial. Sede dóceis aos seus ensinamentos; os tempos preditos são chegados; todas as profecias serão cumpridas.

Pelos frutos se conhece a árvore. Vede quais são os frutos do Espiritismo: casais onde a discórdia tinha substituído a harmonia voltaram à paz e à felicidade; homens que sucumbiam ao peso de suas aflições, despertados pelos acordes melodiosos das vozes de além-túmulo, compreenderam que seguiam o caminho errado e, envergonhados de suas fraquezas, arrependeram-se e pediram força ao Senhor para suportarem as suas provações.

Provações e expiações, eis a condição do homem na Terra. Expição do passado, provações para o fortalecer contra a tentação, para desenvolver o Espírito pela atividade da luta, habituá-lo a dominar a matéria e prepará-lo para as alegrias puras que o esperam no mundo dos Espíritos.

Há muitas moradas na casa de meu Pai, disse-lhes eu há dezoito séculos. O Espiritismo veio tornar compreensíveis estas palavras. E vós, meus bem-amados, trabalhadores que suportais o calor do dia, que credes ter de vos lamentar da injustiça da sorte, abençoai vossos sofrimentos; agradecei a Deus, que vos dá meios de quitar as dívidas do passado. Orai, não com os lábios, mas com o coração melhorado, a fim de que possais ocupar melhor lugar na casa de meu Pai. Como sabeis, os grandes serão humilhados, mas os pequenos e os humildes serão exaltados.

*O Espírito de Verdade*

*Observação* – Sabe-se que não levamos em consideração o nome dos seres que se comunicam, sobretudo os que se apresentam sob nomes venerandos. Não garantimos mais esta assinatura do que muitas outras, limitando-nos a entregar esta comunicação à apreciação de todo espírito esclarecido. Diremos, contudo, que não se pode negar a elevação do pensamento, a nobreza e a simplicidade das expressões, a sobriedade da linguagem e a ausência de toda superfluidade. Se se compara às que são dadas na *Imitação do Evangelho* (prefácio e capítulo III: *O Cristo Consolador*), e que levam a mesma assinatura, embora obtidas por médiuns diferentes e em épocas diversas, nota-se entre elas uma

analogia impressionante de tom, de estilo e de pensamentos, que acusam uma origem única. Para nós, dizemos que *pode ser* do *Espírito de Verdade*, porque é digna dele, enquanto temos visto massas assinadas por este nome venerado ou o de Jesus, cuja prolixidade, verbosidade, vulgaridade, por vezes mesmo a trivialidade das idéias, traem a origem apócrifa aos olhos dos menos clarividentes. Só uma *fascinação* completa pode explicar a cegueira dos que se deixam apanhar, quando não, também, o orgulho de julgar-se infalível e intérprete privilegiado dos Espíritos puros, orgulho sempre punido, mais cedo ou mais tarde, pelas decepções, mistificações ridículas e por desgraças reais nesta vida. À vista desses nomes venerados, o primeiro sentimento do médium modesto é o da dúvida, porque não se julga digno de tal favor.

## Subscrição em Favor dos Queimados de Limoges

Conforme anunciamos no último número da *Revista*, esta subscrição encerrou-se em 1<sup>o</sup> de dezembro. O montante alcançou 255 francos.

Faremos notar que a Sociedade se achava em férias no momento do desastre, razão por que a subscrição só pôde ser aberta na reabertura de seus trabalhos e anunciada na *Revista* do mês de outubro. Nessa época, cada um já se tinha apressado em deitar suas ofertas nos vários centros de subscrição, o que explica a modicidade da cifra obtida que, para a subscrição ruanesa, se havia elevado a 2833 francos. Como a quase totalidade dos subscritores guardou o anonimato, não publicamos lista nominativa. A despeito disto, mencionaremos a que inscreveu 50 fr. sob o título de *Produto da jornada de um fotógrafo de província*, com recomendação de silenciar até o nome da cidade. A subscrição será entregue em nome da *Sociedade Espírita de Paris*.

*Allan Kardec*